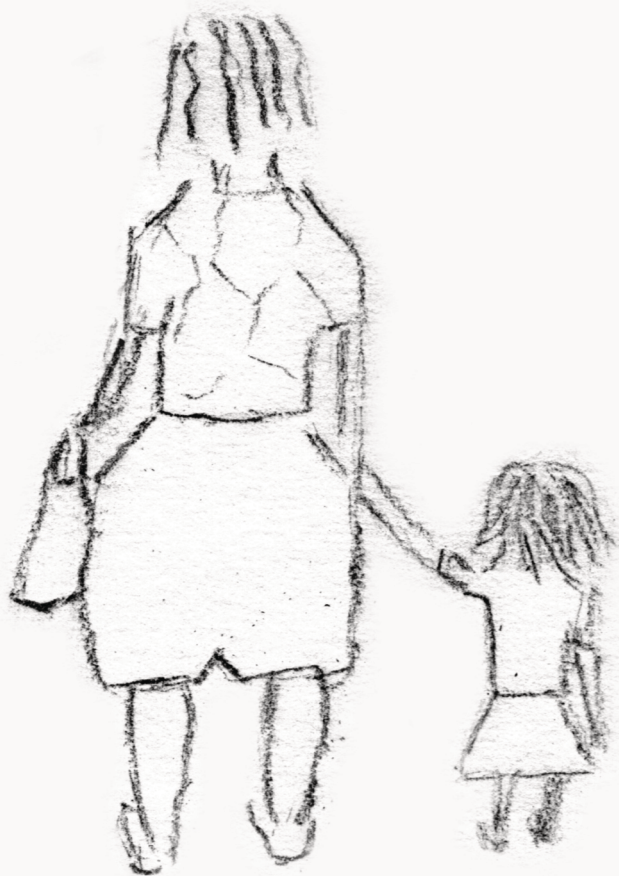




Memórias Entrelaçadas

do trauma ao empoderamento



Anna Maria Del Fiorentino

Memórias Entrelaçadas – do trauma ao empoderamento é um livro baseado no trabalho de pesquisa da autora para sua dissertação de mestrado, submetida ao Centro de Estudos Latino Americanos da Universidade de Cambridge em 2021.

O texto original, intitulado *Mothers and Daughters: intertwined memories, healing trauma and the rupture with paid domestic work in Brazil* (Mães e Filhas: memórias entrelaçadas, a cura de traumas e a ruptura com o trabalho doméstico remunerado no Brasil), foi adaptado e traduzido para o português, dando origem a este livro.



Anna Maria Del Fiorentino vive no Reino Unido desde 2008 e é mãe de duas crianças. Seus temas de interesse são voltados à maternidade e dignidade na infância e adolescência, educação, direitos humanos, feminismo inclusivo, justiça social, lutas da comunidade LGBTI+ e movimentos antirracistas.

Nascida em Brasília e criada em Campinas, se formou em Ciências Econômicas na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), trabalhou no Centro de Pesquisa e Desenvolvimento da Ericsson em Indaiatuba e, posteriormente, no Banco do Brasil, em Londres, onde também fez trabalhos voluntários de teatro e cinema no *Old Vic Tunnels*.

Anna fez uma pausa em sua carreira para se dedicar à criação dos filhos e, recentemente, retomou sua trajetória acadêmica após receber uma oferta de vaga no programa de mestrado do Centro de Estudos Latino Americanos da Universidade de Cambridge.

Baseado na dissertação de mestrado da autora, mestre pela Universidade de Cambridge (Reino Unido), *Memórias Entrelaçadas – do trauma ao empoderamento* conta histórias de vida de mães empregadas domésticas e serventes escolares e de suas filhas, a primeira geração em suas famílias a obter um diploma universitário no Brasil.

O livro investiga o papel das mães na jornada de suas filhas rumo à universidade e introduz o conceito de *memórias entrelaçadas* para mostrar como o mecanismo de transmissão das memórias entre mães e filhas levou ao suporte mútuo entre essas mulheres, transformando trauma em empoderamento.

“Dissertação cativante e elegantemente escrita que busca destacar o papel da dinâmica familiar (em particular as relações entre mães e filhas) durante o recente aumento de jovens mulheres da classe trabalhadora frequentando universidade no Brasil, em vez de seguirem os passos de suas mães empregadas domésticas. O estudo é baseado em entrevistas originais e profundas com cinco pares de mães e filhas, que a autora se utiliza para retratar as aspirações dessas mulheres e a fragilidade dessas experiências na tentativa de melhorar suas condições e de seus filhos. A autora destaca o papel da memória intergeracional como estímulo para mobilidade social e introduz o conceito de ‘memórias entrelaçadas’ para explicar as aspirações das filhas como resposta para melhorar as condições de vida de suas mães, uma vez que elas atingem um certo grau de mobilidade social.”

Relatório da Comissão Examinadora Independente, Centro de Estudos Latino Americanos, Universidade de Cambridge



“Maravilhoso, eu adorei! Teve momentos que eu queria chorar porque pra mim é pessoal. Teve uma mãe que disse que perdeu os dentes muito cedo... isso aconteceu com a minha mãe. Pra mim, tocar num lugar diferente, estou bem emotiva.”

Juliana Spadotto, filha de faxineira no Brasil e mestre em Educação pela Universidade de Cambridge

“Os capítulos sobre trauma e memória são escritos com grande empatia e sensibilidade, e constituem uma das maiores contribuições da dissertação.”

Relatório da Comissão Examinadora Independente, Centro de Estudos Latino Americanos, Universidade de Cambridge



*Whatever we inherit from the fortunate
We have taken from the defeated*

*Tudo quanto herdamos dos afortunados
Tomado foi por nós dos derrotados*

T.S. Eliot, “*Little Gidding*”, *Quatro Quartetos*

Memórias Entrelaçadas:
do trauma ao empoderamento

Anna Maria Del Fiorentino

1ª Edição
Santos
2021

©2021 Anna Maria Del Fiorentino

Edição: Márcio Barreto

Capa & Projeto Gráfico: Guilherme Zühlke O'Connor

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

F518m Fiorentino, Anna Maria Del.
Memórias entrelaçadas: do trauma ao empoderamento / Anna
Maria Del Fiorentino. – Santos, SP: Imaginário Coletivo, 2021.
88 p. : 14 x 21 cm

ISBN 978-65-5796-010-3

1. Ensaio brasileiro. 2. Mulheres – Aspectos sociais. I. Título.
CDD B869.4

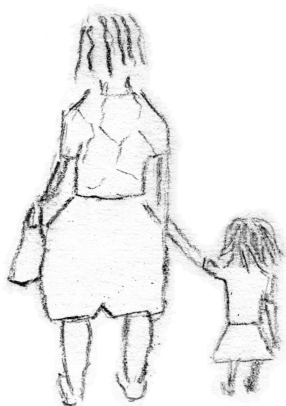
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422



IMAGINÁRIO COLETIVO

Avenida Bartolomeu de Gusmão, 85
CEP 11045-401 – Santos/SP
Tel. (13) 3467-4387 / (13) 991524815

Este livro é dedicado para todas as mães que lutam por um futuro melhor para seus filhos, especialmente as vítimas da desigualdade social que tanto tira dessas mulheres e de suas crianças.



Índice

1	Introdução	9
2	Revisão da Literatura e Métodos	17
3	A Força Invisível (As Mães)	25
3.1	Marilla	26
3.2	Dandara	27
3.3	Val	29
3.4	Vitória	33
3.5	Carmem	36
3.6	Conclusões	37
4	Trabalho para Quem Sabe “Ler e Escrever” (As Filhas)	41
4.1	Lucia	43
4.2	Tereza	46
4.3	Paula	48
4.4	Helena	49
4.5	Julia	51
4.6	Conclusões	51
5	Memórias Entrelaçadas (Mães e Filhas)	55
5.1	Marilla e Lucia	57
5.2	Dandara e Tereza	59
5.3	Val e Paula	62

5.4	Vitória e Helena	62
5.5	Carmem e Julia	64
5.6	Conclusões	65
6	Conhecimento Empoderado pelo Amor	67

Agradecimentos

Este livro traz consigo um pouquinho de todos os que me cercam e não teria sido uma realidade não fosse o apoio prático e emocional que recebi de tantas pessoas ao longo deste processo que resultou na sua publicação. Em especial, agradeço a todas as mães e filhas que eu entrevistei para a minha pesquisa. Não teria sido possível escrever este livro sem a generosidade dessas mulheres que dedicaram seu tempo para responder as minhas mensagens e para me contar suas histórias de vida. Vocês são uma inspiração – obrigada!

Obrigada ao meu editor Márcio Barreto e à editora Imaginário Coletivo, por acreditarem no meu projeto de livro e publicá-lo no Brasil. É especial poder interagir com um editor que, além de talentoso poeta e músico, compartilha das visões de mundo que eu acredito e trabalha para facilitar a democratização dos textos de autores desconhecidos como eu.

Obrigada ao *Murray Edwards College* e ao Centro de Estudos Latino Americanos (*Centre of Latin American Studies — CLAS*) da Universidade de Cambridge pelo suporte dado ao longo do meu mestrado, notavelmente durante a pandemia global de 2020-2021. Meu particular agradecimento à minha tutora da *Murray Edwards*, Rachel Polonsky, e a Joanna Page, professora e diretora do programa de mestrado em *Latin American Studies* pelo seu encorajamento e orientação durante estes tempos desafiadores. Obrigada à bibliotecária do CLAS, Julie Coimbra, por me guiar pela nossa querida videooteca, repleta de maravilhosos filmes brasileiros, e pelas bibliotecas da universidade, e meu agradecimento também a Chriselia de Vries,

Agradecimentos

pelo importante suporte administrativo e pela organização de eventos muito especiais no departamento. Meus agradecimentos também a Gill Pavey, pela incrível ajuda com a revisão ortográfica do meu texto original, em inglês, e para a amiga querida Marina Monzillo, pela revisão ortográfica desta versão em português.

Obrigada pelas cartas de recomendações encaminhadas para minha candidatura para o programa de mestrado na Universidade de Cambridge, escritas generosamente pelo meu professor da graduação, Otaviano Canuto (*Center for Macroeconomics and Development*, Banco Mundial, FMI, dentre outros), e Antônio Bizzo, meu gerente da época em que eu trabalhei no Banco do Brasil em Londres.

Obrigada por me guiarem na busca das minhas aspirações acadêmicas no Reino Unido, Christiano Tambascia (Universidade Estadual de Campinas/UNICAMP) e Rosana Pinheiro Machado (Universidade de Bath). Meu obrigada especial ao Marcus Baccega (Universidade Federal do Maranhão/UFMA), pela sua fé no meu retorno ao meio acadêmico e no meu trabalho de pesquisa, pelo encorajamento incessante e por ter me convidado para publicar um dos meus ensaios de mestrados no seu livro, em breve a ser publicado, meu primeiro convite para uma publicação acadêmica.

Obrigada também aos meus colegas de mestrado do CLAS, pela troca de ideias e experiências e para a doutoranda do CLAS e amiga Beatriz Santos Barreto, pelas contribuições de imenso valor à minha pesquisa. Também agradeço a Sarah Abel, Grace Livingstone e Maite Conde por terem supervisionado os meus ensaios de mestrado e por me ensinarem tão generosamente.

Meu obrigada especial ao meu supervisor de pesquisa da minha dissertação, Pedro Mendes Loureiro, por me convidar para seus grupos de discussão, pelo suporte fundamental durante o meu mestrado e por trazer novas perspectivas em nossas conversas, que tanto contribuíram com o meu projeto de pesquisa e além. Pedro generosamente escreveu o Prefácio deste livro – muito obrigada, professor! Muito especial fechar o ciclo do meu mestrado com esta publicação e com a sua colaboração direta estampada nela.

Memórias Entrelaçadas

Obrigada aos meus professores e amigos de graduação do Instituto de Economia da Universidade Estadual de Campinas/UNICAMP, pelo importante papel que tiveram na minha formação como um todo e na maneira como eu vejo o mundo. Aos mestres professores da Escola Comunitária de Campinas, onde fiz o estudo fundamental, por despertarem em mim o amor por aprender, por me darem uma visão progressista do mundo e por instigarem o desenvolvimento do pensamento crítico. E meu agradecimento para todos os lugares por onde passei que me deram educação — formal ou informal — porque acredito que a educação de qualidade, não obtida somente nas escolas, é das experiências mais fundamentais na vida de uma pessoa.

Obrigada aos meus amigos fora do mundo acadêmico, por me ajudarem a manter a sanidade durante a pandemia e sempre, notavelmente Lilian Oliveira, Beatriz Lafraia, Cristina Scheffer e Vanessa Pfeiffer.

Obrigada a Cleidia. Você é a musa inspiradora deste trabalho!

Obrigada aos meus pais, Anna e Luiz, e a minha tia Tetê, pelo seu amor, pelos valores de vida que me foram ensinados e pelo imenso apoio ao longo do (longo) caminho. A sede por justiça, a força para a luta, o diálogo franco e o amor, o encorajamento para questionar o mundo como ele é, são alguns exemplos dentre tantos outros que me foram presenteados por vocês ao longo da minha infância e sempre. E também agradeço a vocês por me enviarem livros fresquinhos, recém-publicados no Brasil que foram de incrível ajuda para a elaboração da minha dissertação — que se transformou neste livro! Também agradeço ao meu sogro, Carlos Lungarzo (Universidade Estadual de Campinas/UNICAMP, dentre outras) pelas reflexões sobre a vida, em especial sobre política e direitos humanos e por me ajudar generosamente no processo de publicação deste livro. Meu obrigada também à sua esposa, Silvana, uma mãe e ativista inspiradora.

Meus agradecimentos ao meu marido Gui, pelo companheirismo imensurável e amor. Obrigada também por me ajudar com a arte da capa do livro, assim como vários outros aspectos práticos da sua confecção, dando pra ele “a cara” que a autora queria, mas não teria conhecimento técnico e talento artístico para executar.

Agradecimentos

Finalmente, obrigada aos meus filhos, Thomas e Marco, por serem minha inspiração e companheiros na descoberta de novas paixões e novas lutas; por me encorajarem a continuar lutando por um mundo mais igual, mais pacífico e mais verde para quando eles crescerem.

In memoriam de Deborah Huggett, amiga querida que se foi cedo demais, pouco antes de eu terminar minha dissertação de mestrado.

Prefácio

Começo com uma ressalva ou, se quiserem, uma declaração de conflito de interesses. Sou suspeito para fazer uma introdução deste trabalho, que começou como uma dissertação de mestrado e agora vem à luz como livro: como orientador deste projeto, e alguém que acredita em sua relevância, cabe-me destacar suas qualidades. Mas escrevo com tranquilidade que me acompanharão na avaliação: *Memórias Entrelaçadas* trata de um tema da maior relevância, a mobilidade social de filhas de empregadas domésticas no Brasil recente, fazendo-o a partir de um ângulo amplamente ignorado – a contribuição dos laços familiares entre mães e filhas. Dando voz e agência às protagonistas deste processo, o livro retrata tanto com sutileza quanto com força as histórias de trauma, superação e cura que juntas conformaram uma frágil, mas inegável experiência de mobilidade social.

Não me alongarei no prefácio, pois a obra fala por si e é melhor dar-lhes logo o prazer da leitura. Destacarei, contudo, o que me parecem algumas das principais contribuições e implicações do livro. A meu ver, a grande tônica é dar voz às mulheres que lideraram o processo sob estudo. Anna Maria é capaz de orientar nossa atenção aos esforços pessoais e familiares que, em todos os casos analisados, foram fundamentais para cimentar trajetórias sociais ascendentes. Não é exagero dizer que se chega ao final do livro sentindo empatia pelas participantes, tendo adquirido um relance de conhecimento sobre o que esteve presente para que as filhas pudessem terminar o ensino superior e seguir em suas carreiras.

Prefácio

De igual importância, e sem negar a agência das participantes, Anna Maria não incorre no erro de assumir que esforços individuais são uma estratégia suficiente para reduzir as desigualdades que marcam a sociedade brasileira. Ao contrário, este é um pressuposto que perpassa a obra, ainda que não seja seu objeto. Assim, o livro traz à tona os inegáveis méritos destas trajetórias de sucesso, que podem ser lidos justamente frente ao cenário econômico e institucional que, frágil como era, limitou o sucesso a casos de extraordinária agência pessoal e materna.

A terceira grande contribuição do livro, se bem que fortemente associada às primeiras, é destacar o papel das mães na mobilidade social – e, a partir disso, como as trajetórias e memórias se entrelaçam. Há vasta literatura sobre desigualdade no Brasil e na América Latina, destacando suas variações, as políticas sociais associadas a elas, e as dinâmicas econômicas e sociais que delas participaram. O que o trabalho de Anna Maria traz a esta discussão, e o faz com particular sensibilidade, é mostrar como trajetórias familiares são peça fundamental para se entender tanto as experiências de ascensão quanto suas limitações. Dando voz às mães, às filhas, e convidando que falassem umas sobre as outras, o livro nos mostra o intrincado arranjo que se estabeleceu para superar traumas rumo a novas carreiras e vidas.

Por fim, o livro também joga luz na amplitude da experiência de mobilidade social – quando ela se efetiva. Precisamente ao contar as histórias entrelaçadas das mães e filhas, Anna Maria mostra como começar e concluir um curso superior é muito mais que uma realização pessoal, ou mesmo apenas profissional. Como Dandara – nome fictício de uma das mães participantes – diz a certa altura, sobre entrada de sua filha em um curso de mestrado na Universidade de São Paulo, “Filha, você conseguiu! NÓS conseguimos essa vitória”. Parece-me difícil uma demonstração mais convincente da necessidade de uma agenda eficaz de mobilidade social para o Brasil, com resultados que, como Anna Maria nos mostra através de suas participantes, têm o potencial de cura e de ganhos que se estendem ao longo de gerações.

Memórias Entrelaçadas

Termino com uma reflexão. *Memórias Entrelaçadas* mostra tanto o potencial transformador da mobilidade social quanto as profundas dificuldades que se entrepuseram para as filhas de empregadas domésticas ascenderem socialmente. O livro lança também luz sobre como estas trajetórias nem sempre passaram pelas instituições e políticas públicas, frequentemente envolvendo universidades privadas custeadas por esforços pessoais e familiares – ainda que as trajetórias de maior mobilidade tenham sim sido construídas através, ao menos parcialmente, de universidades públicas. Escrevendo em meados de 2021, quando uma agenda de mobilidade social parece uma memória distante no atual cenário de redobrada desigualdade e opressão, minha leitura aponta para a necessidade não de resgatar as políticas anteriores, atraentes embora possam ser se comparadas ao momento atual. Trata-se, a meu ver, de buscar construir uma agenda de inclusão social efetiva e abrangente que garanta direitos, dignidade e autonomia, ao invés de recriar opressivas situações de fragilidade que, como Anna Maria mostra, só são superadas mediante extraordinários esforços conjuntos. Boa leitura!

Pedro Mendes Loureiro

Centro de Estudos Latino Americanos e
Departamento de Política e Estudos In-
ternacionais (CLAS-POLIS), Fitzwilliam
College, Universidade de Cambridge.

Prefácio

1

Introdução

Este livro é resultado do meu trabalho de pesquisa desenvolvido para escrever minha dissertação de mestrado na Universidade de Cambridge (Reino Unido) sobre a primeira geração de filhas de empregadas domésticas no Brasil que romperam com o ciclo do trabalho doméstico remunerado em suas famílias, muitas vezes passado de uma geração para a seguinte, de mãe para filha. Fui inspirada pela campanha *#EuEmpregadaDoméstica* criada pela Preta-Rara em 2016 e que virou livro *Eu, Empregada Doméstica* (2019). A campanha despertou minha admiração e interesse em contribuir para que as vozes dessas mulheres, tão invisíveis na sociedade, fossem amplificadas para trazer os diálogos a público, com o objetivo de levarem a transformações nas relações de trabalho entre empregadas domésticas e seus empregadores e, acima de tudo, ajudarem a promover mudança nessas relações humanas. Uma urgência antiga de que o trabalho doméstico remunerado no Brasil seja visto como uma profissão digna e

Introdução

que as empregadas domésticas sejam tratadas com profissionalismo e humanidade.

O livro da Preta-Rara traz uma coleção de memórias de empregadas domésticas, a maioria relatando histórias de trauma e abuso no ambiente de trabalho doméstico, nas casas de famílias brasileiras, incluindo as experiências da própria autora, sua mãe e sua avó. Muitas das histórias do livro são contadas pelas filhas, filhos e netas de empregadas domésticas que relatam ser a primeira geração em suas famílias a ter um diploma universitário. Apesar de os recentes programas governamentais para expandir o acesso à educação superior no Brasil serem comumente tidos como responsáveis pela redução no número de mulheres jovens trabalhando como empregadas domésticas (IPEA, 2019), me chamou a atenção que a maioria dos relatos da campanha sequer menciona esses programas: filhas e filhos de empregadas domésticas, quase sempre, atribuem suas conquistas acadêmicas e mobilidade social ascendente após a conquista de um diploma universitário aos sacrifícios e apoio de suas mães empregadas domésticas. Isso me instigou a querer saber mais sobre essas relações familiares: por que esses filhos atribuem seu sucesso acadêmico e profissional aos esforços de suas mães? Qual é o papel da mãe empregada doméstica nesse processo de mobilidade social da geração mais jovem?

Outra coisa que eu observei no livro da Preta-Rara é que a grande maioria das narrativas feitas é feita em terceira pessoa, por filhas, filhos e netas de empregadas domésticas. Apenas um terço das histórias, aproximadamente, são contadas pelas próprias empregadas domésticas. De fato, a voz da mãe é raramente presente no feminismo e na psicanálise, e suas filhas tendem a falar por elas (Hirsch, 2012), conforme pude confirmar no livro: filhas, filhos e netas de empregadas domésticas relatam histórias de suas mães empregadas domésticas, memórias de experiências que lhes foram contadas, mas que eles próprios não vivenciaram. Mais uma vez isso instigou minha curiosidade: por que as vozes das empregadas domésticas são tão tímidas nessa campanha sobre elas próprias, diferentemente de outras campanhas de testemunhos individuais em primeira pessoa

como o *#MeToo*? Pode-se dizer que uma das razões seja que as filhas e netas das empregadas domésticas têm mais familiaridade com o uso das redes sociais para se expressarem e denunciarem os abusos sofridos pelas suas mães e avós trabalhadoras domésticas, enquanto as últimas estão eventualmente envolvidas em outras formas e espaços de ativismo, com menos alcance que a internet (Da Silva, 2018). Todavia, isso explicaria apenas parte do silêncio das trabalhadoras domésticas, me levando a investigar mais a fundo sobre outras fontes que silenciam essas mulheres.

Para finalizar esta introdução, ainda sobre o livro de Preta-Rara, notei que mais da metade dos relatos contados pelas filhas e filhos de empregadas domésticas se misturam com suas próprias memórias e identidades. A razão disso é que muitos desses filhos viveram experiências de trauma e abuso junto com suas mães, já que muitos as acompanhavam ao trabalho quando crianças, testemunhando e dividindo essas experiências com suas mães. Muitas dessas crianças também sofreram com a separação precoce de suas mães, perda e trauma como resultado das longas e abusivas horas trabalhadas pelas suas mães, quebrando importantes elos psicológicos que se desenvolvem ao longo do tempo entre a criança e sua mãe (Goldstein *et al.*, 1980a), já que as circunstâncias de trabalho de suas mães fizeram com que essas mulheres não tivessem a opção de lidar com os cuidados diários de suas próprias crianças.

O Brasil tem o maior número de empregadas domésticas no mundo (ILO, 2018); a categoria acolhe a segunda maior concentração de mulheres no país (Melleiro & Heuser, 2020) e representa 14,6% das mulheres no mercado de trabalho. O contingente do trabalho doméstico brasileiro é formado por 92% de mulheres, sendo 63% delas negras (IPEA, 2019). Elas recebem os salários mais baixos e são constantemente sujeitas a discriminação, abuso, violência e abandono (Almeida, 2019; IPEA, 2019), o que faz da categoria uma das mais vulneráveis dentre os grupos de trabalhadores (Fish, 2017). A ocupação foi sendo passada historicamente de mãe para filha até muito recentemente.

Introdução

A reforma constitucional de 2013, combinada com a mudança de lei em 2015, estabeleceu direitos trabalhistas para empregadas domésticas, levando à profissionalização do trabalho (Lima & Prates, 2019). No entanto, a categoria ainda não goza de plenos direitos, já que ainda está excluída da Consolidação das Leis do Trabalho (CLT) porque parte da legislação não se aplica para as trabalhadoras diaristas (Acciari, 2018). De acordo com os dados do IPEA (2017) ainda é grande o grau de informalidade no trabalho doméstico: 29,3% das empregadas domésticas negras e 32,5% das brancas tinham carteira de trabalho assinada em 2015; o grau de formalização também varia conforme a região do país, mais presente em regiões mais prósperas e menos comum em áreas mais pobres, como no Nordeste.

A nova legislação deixou mais caro para as famílias contratarem empregadas domésticas, levando ao aumento no número de diaristas trabalhando em casas diferentes. O mesmo estudo do IPEA mostra que, apesar do aumento na renda das empregadas domésticas entre 1995 e 2015, a categoria ainda recebe, em média, menos que o salário mínimo, e a ocupação mostra sinais de envelhecimento: enquanto 50% das empregadas domésticas entre 1995 e 2005 tinham 29 anos ou menos, apenas 16% das empregadas domésticas nessa faixa etária exerciam a profissão em 2015. Isso indica que uma grande proporção de mulheres jovens está escapando do trabalho doméstico remunerado no Brasil — mas o que permitiu que elas quebrassem esse ciclo de trabalho doméstico em suas famílias?

Muitos estudos já foram feitos sobre os resultados positivos da expansão da rede das universidades federais e das políticas de ações afirmativas implementadas no Brasil durante os anos dos governos do PT (2003–2016) (Fonseca, 2018; Marques *et al.*, 2018; Picanço, 2016; Moreira Damasceno & de Andrade, 2016, entre outros), mas pouco foi estudado sobre a mobilidade social promovida por essas políticas públicas que resultaram no forte aumento no nível de escolaridade da população brasileira (Cruz, 2019; Alves Cordeiro, 2013). Permanece inexplorado o papel das famílias nessa jornada rumo à mobilidade social da primeira geração a conquistar um diploma universitário. Além do mais, os estudos de mobilidade social tradicionalmente dei-

xam as mulheres fora de foco, coletando dados dos pais, “chefes de família” e seus filhos homens (Cruz, 2019; Pastore & Valle Silva, 2000; Pastore, 1982), ignorando a mudança substancial no papel das mulheres com suas famílias e com o mundo desde que elas entraram no mercado de trabalho, no Brasil e em outros países (Goldthorpe *et al.*, 1987).

Eu entrevistei cinco pares de mães e filhas: quatro mães são/foram empregadas domésticas e uma das mães foi servente de limpeza escolar. Eu incluí a mãe servente de limpeza no meu estudo para enriquecer a minha análise, já que as relações sociais entre serventes e outros funcionários da escola é bastante semelhante as relações entre empregadas domésticas e seus patrões. De acordo com Machado Alves (2000), quando as mulheres de classe média do Brasil entraram no mercado de trabalho, muitas foram trabalhar como professoras para complementar as rendas de seus pais/maridos. Segundo a autora, essas mulheres se tornaram “*mulheres-professoras*” (p. 138), enquanto os serviços de cozinha e limpeza nas escolas foram ocupados por mulheres que “naturalmente” carregavam esses talentos, notavelmente as mulheres pobres, não brancas e com pouca educação formal, estendendo o ambiente doméstico dentro das escolas “(...) onde a diretora é a dona de casa e a servente vai fazer aquela gentileza. Uma relação pessoal de patroa e empregada.” (p. 138).

Todas as filhas que eu entrevistei foram a primeira geração em suas famílias a irem para a universidade. Apesar de os filhos homens das empregadas domésticas também terem se beneficiado da ampliação do acesso à educação superior no país, o foco dos meus estudos é as filhas das empregadas domésticas, já que minha pesquisa busca entender como essas jovens quebraram o ciclo do trabalho doméstico remunerado em suas famílias, tradicionalmente passado das mães para suas filhas.

Este livro vai investigar o papel da família, particularmente o papel das mães da primeira geração de mulheres a entrar na universidade. Eu vou investigar a eventual mobilidade social em termos de renda e classe alcançada pelas filhas por meio das informações obtidas das histórias de vida das mulheres entrevistadas. Eu defendo a

Introdução

tese de que as famílias dessa primeira geração a ter acesso ao ensino superior, assim como as importantes políticas públicas que ajudaram a ampliar o acesso à universidade no país, tem um papel-chave nesse processo e sua importância é frequentemente esquecida. Eu defendo que o sacrifício dessas mães é de fundamental importância para suas filhas entrarem na universidade. Para facilitar a compreensão do resultado da minha pesquisa, eu introduzo o conceito de *memórias entrelaçadas* para explicar como essas mulheres se apoiaram mutuamente nesse processo que mudou a posição social da geração mais jovem e, mais que isso, ajudou mães e filhas a transformarem trauma em empoderamento. Eu argumento que a mobilidade social alcançada pelas filhas também levantou suas mães, não necessariamente em termos de renda ou classe social, mas no sentido de terem uma vida melhor, mais plena.

Após essa introdução, o livro está estruturado em três capítulos baseados nas minhas entrevistas, assim como um capítulo dedicado à revisão da literatura e aos métodos de pesquisa utilizados e um capítulo final com minhas conclusões. No primeiro capítulo, “A Força Invisível”, eu vou apresentar as histórias de vida das empregadas domésticas e serventes de limpeza escolar que eu entrevistei e investigar como a pobreza aguda e falta de educação formal as levaram para o trabalho doméstico remunerado, assim como suas experiências de trauma que silenciaram suas vozes. No capítulo seguinte, “Trabalho Para Quem Sabe ‘Ler e Escrever’” eu vou explorar os múltiplos fatores que possibilitaram que as filhas de empregadas domésticas entrassem na universidade, além de investigar se elas experimentaram mobilidade social ou não, após a obtenção do diploma universitário. O terceiro capítulo “Memórias Entrelaçadas”, apresenta uma combinação de histórias de mães e filhas e eu investigo como essas mulheres se apoiaram mutuamente. Eu vou investigar mais a fundo como a eventual mobilidade social das filhas se reverteu para suas mães, permitindo que as mesmas melhorassem de vida, superando seus traumas. Cada capítulo é dividido em cinco subseções, uma para cada mulher que eu entrevistei, além de um subcapítulo final com as minhas conclusões. Eu optei por essa organização, desta-

Memórias Entrelaçadas

cando cada mulher nos subcapítulos, para dar visibilidade individual a cada indivíduo e suas histórias.

Introdução

2

Revisão da Literatura e Métodos

Uma sociedade em que o sucesso ou fracasso das crianças com iguais capacidades depende da condição sócioeconômica dos seus pais não é uma sociedade justa (McKnight, 2015). As escolas públicas no Brasil oferecem educação gratuita enquanto que as escolas privadas cobram mensalidades e são consideradas mais exclusivas e com mais prestígio. O modelo das universidades, no entanto, funciona de outra maneira: universidades públicas são financiadas pelo governo federal ou estadual; frequentemente têm mais prestígio e oferecem educação gratuita enquanto que as universidades privadas cobram mensalidade. Algumas das universidades privadas cobram taxas altas de mensalidades enquanto outras instituições lucrativas oferecem educação superior com menor custo e baixa qualidade. Esse modelo faz com que haja muita concorrência para obter um lugar nas universidades públicas que acabam por ser elitistas, já que as vagas

são frequentemente dadas aos estudantes que tiveram condições de ter acesso a educação fundamental e média privada, além de cursos preparatórios para passar nos testes de admissão das universidades, notoriamente difíceis nas universidades públicas.

Há tempos que a ampliação do acesso a educação superior é uma questão política (Billingham, 2018; McKnight, 2015), mas apenas nos anos 2000 que o sistema de acesso a educação superior no Brasil sofreu transformações mais profundas. Isso aconteceu durante o período conhecido como *Pink Tide*, que no Brasil começou com o governo Lula em 2003 e durou até o impeachment da presidente Dilma em 2016 (Grigera, 2017). O governo do PT criou o Reuni (*Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais*), expandindo a rede das universidades federais: novas instituições foram criadas, além da criação de novos campi nas já existentes, focando na interiorização da rede para atender as regiões rurais e pouco favorecidas (Bizerril, 2018). Além disso, foram criados novos sistemas para financiamento da educação superior, como o ProUni (*Programa Universidade para Todos*) ao mesmo tempo em que outro programa já existente, o FIES (*Fundo de Financiamento Estudantil*) foi ampliado com o objetivo de dar apoio aos estudantes de baixa renda no financiamento da educação em universidades particulares (Fonseca, 2018). Esses programas aumentaram o número de estudantes nas universidades particulares, um tema polêmico, já que muitos defendem que, enquanto os estudantes privilegiados ainda ocupavam o restrito número de vagas nas universidades públicas (Carvalho, 2006), a comodificação da educação superior no país levou jovens de minorias sociais para educação superior de má qualidade no setor privado (Marques *et al.*, 2018), já que os programas governamentais favoreceram um número crescente de novas instituições lucrativas privadas (Carvalho, 2013).

O critério para o acesso a educação superior também sofreu mudanças ao longo deste período. As políticas de ações afirmativas, tal como o sistema de cotas raciais, foram introduzidas nas universidades federais, contribuindo para reduzir as diferenças entre ingressantes brancos e não brancos (Ribeiro, 2018; Jensen, 2010). De acordo

com o sistema de cotas, 50% das vagas oferecidas nas universidades federais no Brasil são reservadas para estudantes vindos de escolas públicas, ou de baixa renda, ou de origem negra ou indígena (Fonseca, 2018). Os resultados positivos das políticas de cotas foram rapidamente visíveis: vagas universitárias para indivíduos não brancos foram, pela primeira vez, maioria nas universidades federais em 2019 (IBGE, 2019). As universidades públicas estaduais também introduziram mudanças no sistema de admissão, criando seus próprios programas de ações afirmativas que também levaram a mudanças efetivas no perfil dos ingressantes (Cosme, 2021).

A combinação das novas políticas descritas acima levou um grande número de jovens de minorias sociais para a universidade, a primeira geração de suas famílias a ir para a universidade, incluindo as filhas das trabalhadoras domésticas. O país viveu uma revolução silenciosa (Brito, 2018) e muitas jovens mulheres quebraram o ciclo do trabalho doméstico remunerado em suas famílias. Todavia, esse progresso se encontra ameaçado pela crise econômica iniciada em meados de 2014 e pela mudança política no país e instalação de um governo conservador e machista (Gates Foundation, 2019). Além disso, é notável que as trajetórias de recuperação da crise gerada pela pandemia de 2020 entre países e dentro de cada um deles estão se dando de maneira bastante assimétrica, impactando mais duramente as jovens mulheres com baixa qualificação formal, especialmente nos mercados emergentes e economias em desenvolvimento (Gopinath, 2021; Canuto & Zhang, 2021). Esse cenário ameaça, em especial, essa primeira geração de mulheres que teve acesso à universidade – e as que estão por ingressar na educação superior no país.

A educação superior tem um papel importante como instrumento de mobilidade social para cima, mas um diploma por si só não se traduz em mobilidade social, já que outras condições se fazem necessárias, seja no ambiente universitário ou no ambiente doméstico. Este último é o objeto desta pesquisa. No seu livro *Sobre a Educação*, Russell (2009) faz a distinção entre educação de caráter e educação de conhecimento, sendo que a primeira é particularmente importante na primeira infância do indivíduo. O autor argumenta que nem o

caráter, nem a inteligência de um indivíduo irão se desenvolver tão bem ou tão livres se houver deficiência no amor dado à educação da criança durante seus primeiros anos de vida e que a transformação social só é possível em um modelo em que o conhecimento é empoderado pelo amor. Mais do que constatar mobilidade social, minha pesquisa visa explorar os aspectos da “educação de caráter” da primeira geração ingressante na educação superior para assim investigar se os indivíduos produtos da educação e empoderados pelo amor de suas famílias serão capazes de levar a mudança social um passo além, para a próxima geração que está por vir. Para tanto, um elemento-chave no meu estudo foi o entendimento da transmissão intergeracional das memórias de mães e filhas.

Hirsch e sua teoria da pós-memória (2012) foi o ponto inicial da minha pesquisa para investigar a transmissão de memórias entre empregadas domésticas e suas filhas. A teoria da pós-memória foi criada no contexto do Holocausto e da discussão sobre trauma histórico, memória e esquecimento. Ela argumenta que a memória de certos eventos extremos pode ser transmitida dos sobreviventes do Holocausto para suas crianças, apesar de a geração mais jovem não ter estado presente, não tendo vivenciado estes eventos (Hirsch, 2012). Sarlo (2005) desenvolveu o conceito de Hirsch, aplicando sua teoria no contexto da ditadura militar na Argentina, investigando a transmissão de memórias de perseguição, tortura e desaparecimento de uma geração de pais que lutaram contra a ditadura, para a geração seguinte. Eu usei a teoria da pós-memória de Hirsch para explorar a dinâmica na transmissão de memórias entre as mães e filhas que eu entrevistei no contexto da pobreza aguda e de múltiplas fontes de opressão sofridas por essas mulheres que levaram essas mães a experiências de trauma e abuso, frequentemente presentes nas memórias e nas identidades de suas filhas.

Durante as minhas entrevistas eu notei que investigar histórias de trauma frequentemente resultou no silêncio como resposta, o que me desafiou a encontrar novas abordagens para conseguir obter as informações que eu precisava para a minha pesquisa. As memórias traumáticas foram “esquecidas”, frequentemente omitidas pelas mães

que eu entrevistei enquanto suas filhas, apesar de nem sempre dividirem comigo suas memórias, se mostraram mais abertas a conversar sobre seus sentimentos e lembranças.

O silêncio é frequentemente associado a lembranças e não ao esquecimento. Pollak (1993) investigou o silêncio político na Alemanha pós-Segunda Guerra Mundial e a ambivalência dos sentimentos associados a memórias traumáticas das vítimas, incluindo sentimentos de culpa e de vergonha. Ele argumenta que, por vezes, o silêncio é uma opção pessoal e não política, um instrumento usado para proteger a geração mais jovem das cicatrizes de seus pais. Além disso, ele defende que o silêncio é um mecanismo de sobrevivência quando o indivíduo é vítima de uma classificação social que o enxerga como invisível ou inferior. Ele chama essas formas de memória silenciadas de “memórias subterrâneas”¹. Estas memórias são mantidas vivas por meio de sistemas informais de comunicação, transmitidas dentro das famílias ou grupos específicos e, diferentemente da memória “oficial” coletiva, não está geralmente disponível publicamente. Eventualmente o peso do silêncio se torna muito grande (Lorde, 1984) e essas memórias transbordam, invadindo o espaço público. O “não dito”, as memórias marginalizadas, então, se transformam em protesto e em demanda por justiça. Eu discuti previamente sobre mobilidade social das filhas de empregadas domésticas no Brasil e argumentei que a educação superior é insuficiente para explicar essa mobilidade, requerendo uma investigação mais profunda sobre as relações interfamiliares por meio da análise das memórias de mães e filhas. Para investigar essas memórias, eu entrevistei cinco pares de mães e filhas: Marilla e Lucia, Dandara e Tereza, Val e Paula, Vitória e Helena, e Carmem e Julia.

Mães e filhas foram escolhidas de acordo com o seguinte critério: i) mães tinham que ser ou terem sido empregadas domésticas em algum momento de suas vidas, incluindo faxineiras ou cuidadoras prestando serviço dentro de uma residência privada. Eu ampliei esse

¹“Mémoire souterraines” no original em francês, que se contrapõe às “mémoires officielle”, memórias oficiais (Pollak, 1993, p. 18).

critério e coletei algumas histórias de mulheres que foram serventes de limpeza escolar; ii) as filhas tinham que ser necessariamente a primeira geração em suas famílias a ter obtido um diploma universitário, profissional (técnico) ou acadêmico; iv) as filhas tinham que ter começado a frequentar a universidade durante os anos 2000 e tinham que ter obtido um diploma superior previamente às entrevistas. Eu não estava ativamente procurando mulheres que se beneficiaram das políticas de ações afirmativas ou da expansão da rede das universidades federais e estava aberta a entrevistar mulheres que foram para universidades públicas ou privadas.

Eu entrevistei um grupo bastante diversificado de mulheres. A mãe mais jovem tem 51 anos e a mais velha tem 74. A filha mais jovem tem 26 anos de idade e a mais velha tem 42 anos. Uma dupla de mãe e filha voluntariamente se declarou negra e uma das filhas declarou a si mesma e a sua mãe como sendo mulheres com ascendência japonesa – as demais não declararam suas identidades raciais, já que eu não levantei a questão durante nossas conversas. As narrativas destas mulheres estão detalhadamente presentes ao longo deste livro.

Eu não encontrei essas mulheres pessoalmente e também não as conhecia de antemão, com exceção de um par de mãe e filha que eu conhecia da cidade onde fui criada no Brasil. A maioria das pessoas consideradas para as entrevistas foi sugestão de pessoas da minha rede social. Estas pessoas me apresentaram para essas mulheres e as mães me apresentaram para suas filhas e vice-versa.

As conversas se desenvolveram no contexto extraordinário de uma pandemia global, durante 2020–2021. As entrevistas foram feitas usando uma metodologia inovadora: a maioria delas não foi realizada em tempo real, mas por meio de mensagens de áudio gravadas pelo aplicativo de telefone *Whatsapp*. Eu enviei duas listas distintas de perguntas, uma para as mães e outra para as filhas por meio de mensagens de texto pelo telefone e eu encorajei minhas entrevistadas a me responderem por mensagens de áudio. Eu optei por este método primeiramente porque a comunicação por mensagens de áudio gravadas no *Whatsapp* é uma forma de comunicação bastante po-

pular no Brasil, além de ser uma alternativa prática em tempos de Covid-19, já que eu estava no Reino Unido e minhas entrevistadas no Brasil. Em segundo lugar, a troca de mensagens de áudio gravadas se revelou a opção ideal para minhas entrevistadas, já que muitas têm o tempo livre bastante limitado, algumas empregadas domésticas tendo que passar grande parte do seu tempo nas residências dos seus patrões e algumas filhas tendo a dificuldade adicional de conversar porque possuem filhos bebês em casa – o sistema de mensagens gravadas permitiu que elas identificassem o momento propício para me responder, de acordo com sua disponibilidade e privacidade. Em terceiro lugar, o processo de gravação de mensagens provou ser uma maneira eficiente de ganhar intimidade rapidamente com minhas entrevistadas. Eu argumento que foi até mais eficiente do que um encontro presencial hipotético já que a troca de mensagens gravadas trouxe uma camada adicional de intimidade — o processo de gravação funcionou como uma espécie de diário ou monólogo; as entrevistadas respondiam as minhas questões, mas elas não estavam falando comigo, uma estranha, diretamente: elas estavam falando consigo mesmas sobre suas memórias e experiências de vida. Eu pude confirmar isso pelas respostas recebidas: as respostas gravadas na forma de áudio eram mais densas e mais íntimas em comparação com as poucas respostas que eu recebi por mensagens de texto ou em relação a única entrevista que eu fiz por telefone fixo, em tempo real. Além disso, esse método aufere uma divisão de poder mais igualitária durante as entrevistas já que as pessoas entrevistadas tiveram mais controle durante o processo, gravando suas respostas elas mesmas, espontaneamente me enviando informações adicionais e, eventualmente, reconsiderando o material gravado e apagando as mensagens antes de me mandarem as respostas.

Eu recebi algumas respostas de texto e apenas em um caso, eu tive que ligar no número de telefone fixo da entrevistada no Brasil já que ela não usa *smartphones* — por isso eu optei por uma abordagem de entrevista mais tradicional. O conteúdo das conversas gravadas foi usado com o consentimento das mulheres entrevistadas e seus nomes foram alterados na dissertação acadêmica e neste livro para manter

suas identidades preservadas. Eu intencionalmente evitei fazer perguntas diretas sobre questões que poderiam desencadear respostas emocionais pesadas e eu preparei um ambiente de conversa informal para encorajar minhas entrevistadas a irem a fundo em suas memórias, mas deixei a decisão de dividir ou não dividir suas histórias de vida em suas mãos.

3

A Força Invisível (As Mães)

O que eu não pude ter, os meus têm.

Dandara

O trauma tem diferentes dimensões e distinções. Este livro irá explorar três tipos de trauma: psicológico, social e secundário. Wise resumiu esses tipos de trauma no seu livro *Trauma Transformed* (2007): o trauma psicológico se refere a experiências marcantes que afetam o funcionamento do indivíduo, tal como abuso emocional e negligência; trauma social diz respeito a condições sociais que perpetuam formas de opressão contra minorias, como discriminação, e trauma secundário se trata do estresse vivido pela família, amigos ou profissionais, resultado da sua empatia no cuidado de outros indivíduos que sofreram ou estão sofrendo experiências traumáticas.

As trabalhadoras domésticas que eu entrevistei viveram experiências traumáticas ao longo de suas vidas. Eu tive contato com suas histórias de trauma parcialmente por meio delas próprias e pelas narrativas de suas filhas. As experiências de trauma foram a força motriz que levou essas mães a priorizarem a educação formal de suas filhas —frequentemente ao custo de abandonarem suas ambições pessoais— porque elas não queriam que suas filhas se tornassem empregadas domésticas e fossem submetidas às mesmas experiências de abuso e exploração vividas por elas.

Apesar de as mães e filhas terem um bom relacionamento e das filhas serem gratas aos esforços feitos pelas suas mães para que elas tivessem uma vida melhor, as memórias felizes associadas às conquistas de vida da geração mais jovem frequentemente vêm acompanhadas de ressentimentos associados aos traumas de suas mães, que é compartilhado por suas filhas. Embora as filhas não tenham vivido o mesmo grau de pobreza e privação que suas mães viveram, elas carregam com elas esse “trauma genético” de suas mães. Este capítulo irá explorar as histórias de vida das empregadas domésticas que eu entrevistei, algumas são mais detalhadas enquanto que outras são mais breves, de acordo com o material que eu coletei das nossas conversas. Eu vou apresentar algumas das experiências de trauma dessas mães, além de investigar o seu papel no apoio às suas filhas na busca de um diploma de ensino superior.

3.1 Marilla

Os pais de Marilla foram imigrantes japoneses. Ela nasceu e cresceu na roça dos seus pais, em Sorocaba (São Paulo). A família era muito pobre, ela e seus irmãos trabalhavam na roça desde crianças até que Marilla saiu da casa dos pais para trabalhar como empregada doméstica em uma cidade maior, tal qual suas irmãs. Mais tarde ela conseguiu um emprego de servente de limpeza escolar e trabalhou nessa posição por 25 anos. Marilla teve cinco filhos; eu entrevistei sua filha mais nova, Lucia.

Marilla evitou falar de problemas na nossa entrevista: *“minha vida eu acho ótima”*, ela diz, mas eu soube por Lucia, que a vida da mãe foi marcada por experiências de trauma, como a perda prematura de todos os dentes quando ela era ainda jovem, resultado da falta de recursos para ter cuidado dentário. Por ser a filha mais jovem, Lucia diz ter testemunhado os piores momentos da vida da mãe, já que quando ela nasceu, Marilla já havia perdido todas as suas esperanças e carregava com ela muito ressentimento acumulado pelas experiências traumáticas de vida.

Um dos filhos de Marilla nasceu com transtorno de aprendizagem. Ela teve dificuldades para conciliar o trabalho com os cuidados adicionais necessários para seu filho: *“foi uma época muito difícil e talvez eu tenha abandonado um pouco eles”*, ela diz, demonstrando culpa por não ter tido tempo suficiente para cuidar de seus outros filhos. Apesar disso, ela conseguiu fazer supletivo aos 45 anos para concluir o ensino fundamental. Depois disso, ela passou em um concurso para ser servente de limpeza em um Tribunal em São Paulo onde trabalhou por dez anos antes de se aposentar. Este último trabalho lhe deu estabilidade e uma renda maior, permitindo que ela pagasse aulas de inglês para Lucia, além de pagar um ano de curso preparatório para a universidade, para ajudar a filha a passar no vestibular. Quando Lucia entrou na universidade e saiu da casa de seus pais, Marilla continuou ajudando a filha no que podia: *“eu levava comida pronta pra ela toda semana, lavava a roupa dela, trazia e levava...essas coisas assim, de uma mãe, né?”*, ela conta.

Quando perguntei para Marilla sobre quais oportunidades de vida ela gostaria que sua filha tivesse, ela respondeu: *“eu gostaria que ela fizesse Direito”* (Lucia estudou Letras), *“ainda tem tempo! Até 60 anos dá bem pra fazer”*, ela disse.

3.2 Dandara

Dandara começou a trabalhar em uma fábrica de tecelagem para ajudar seus pais e 11 irmãos quando ela tinha 13 anos. *“Oportu-*

nidades não tive”, ela conta. Sua mãe se casou quando tinha 11 anos de idade e a avó de sua mãe era escrava. Dandara trabalhou como servente de limpeza escolar por muitos anos. Atualmente ela é aposentada, mas ainda trabalha na barraca de comida da família vendendo comida africana. Ela fez supletivo para concluir o ensino fundamental já adulta.

Dandara conta que ela mora em uma comunidade pobre na periferia de São Paulo e que ela tinha a preocupação de evitar que seus filhos fossem criados “*nas ruas*” quando pequenos, por isso, ela ativamente procurava oportunidades de cursos para eles, para mantê-los ocupados com os estudos. Eu entrevistei sua filha mais velha, Tereza. Mãe e filha espontaneamente se declararam mulheres negras.

As vidas das pessoas negras que vivem nas áreas mais carentes de São Paulo são constantemente subjugadas ao poder da morte (Amparo Alves, 2018), vítimas das necropolíticas (Mbembe, 2003). De acordo com Adão (2018, Resumo), “*nesses territórios vive a maioria da população negra, corroborando uma articulação perversa entre vulnerabilidade à morte e raça no espaço urbano da cidade*” que coloca Dandara e sua família em uma posição de extrema vulnerabilidade social por causa da sua raça, além das outras opressões sofridas. Ela tem particular preocupação com o racismo estrutural no Brasil e suas implicações nas vidas de seus filhos. Para enfrentar essa realidade, Dandara frequentemente dizia aos filhos “*onde branco entra, você entra também*”, além de ensiná-los a ter orgulho de suas raízes africanas.

Dandara e seu marido não queriam que seus filhos trabalhassem antes de terminar o ensino médio e tiveram condições de dar aos filhos a oportunidade de focarem nos estudos, Os pais nutriam um ambiente intelectual em casa, “*a grande faculdade da vida é na casa... é nós, é minha família*”, diz Dandara. Ela recorda que eles tinham o costume de presentear Tereza com um livro ao final de cada ano escolar: “*a gente dava tanto livro que hoje a Tereza tem livro*”, ela diz, se referindo ao livro acadêmico escrito e publicado pela filha.

3.3 Val

Val é empregada doméstica em Campinas (São Paulo) e trabalha para a mesma família há 32 anos. Ela me disse que teve de alterar a maneira como trabalha desde o início da pandemia, porque seus patrões são idosos e correm mais riscos de morrer de Covid-19: ela passou a morar no trabalho por 20 dias, seguidos de 15 dias na sua casa desde julho de 2020. O aumento do trabalho não remunerado associado a atividades de cuidado foi observado mais amplamente com a pandemia (*United Nations*, 2020). Val não recebeu um aumento de salário acompanhando a mudança na rotina. Ela coloca sua vida “de lado” no período em que mora na casa dos patrões: ela não pode ver o namorado, a filha ou marcar consultas médicas e outros compromissos pessoais que só podem acontecer no período em que ela está morando na sua casa. Ela também teve de deixar um segundo emprego que tinha como diarista, uma vez por semana, porque os outros patrões também são idosos, correndo maior risco se ela trabalhasse em duas residências.

Val nasceu e foi criada na pequena propriedade rural de seus pais no interior do Paraná, no sul do país. Ela e os irmãos trabalhavam na roça plantando feijão, milho, arroz e algodão e tirando leite das vacas. O pai era contra oferecer educação formal para as filhas – “*ele não deixava a gente estudar*”, ela conta. Ao contrário dos irmãos, o pai não deixou as filhas fazerem o ensino médio depois que concluíram o fundamental; “*pagamos caro por isso*”, diz Val. Ela deixou a casa da família contra a vontade do pai, quando tinha 19 anos e migrou com o namorado para Campinas: “*eu vim sem ele querer mesmo, eu desobedeci meu pai*”, ela conta.

A migração das mulheres sitiantes da sua pequena propriedade rural para uma cidade grande vem com a perda da sua identidade social – uma “morte social” para a trabalhadora do campo, substituída por uma nova identidade urbana em formação (Silva *et al.*, 2017). Val teve dificuldades para se adaptar em Campinas: “*eu fazia tudo o serviço de roça, mas não fazia o serviço de casa, que é o que eu faço aqui agora; não lavava, não passava, não cozinhava*”, ela diz. Ela

A Força Invisível (As Mães)

conta que tinha alguns poucos talentos domésticos: *“eu sabia lavar louça, essas coisas todo mundo sabe! Limpar o chão não tem o que saber, aprende fácil. Mas tem umas coisas que eu aprendi aqui [no trabalho como empregada doméstica]”* e conta também que aprendeu novas funções, *“agora até que eu sei cozinhar (...) minha patroa me ensinou a passar roupa, que eu não sabia, que é uma coisa que tem que aprender.”*

A falta de educação formal de qualidade na sua cidade natal foi uma fonte de insegurança quando Val era mais jovem. Ela se sentia com *“menos cultura”*, em comparação com outras pessoas: *“não sabia sobre muitas coisas que as pessoas falavam”*, ela diz. Val tinha dificuldade para conversar com as pessoas e também para falar “português direito”: *“até hoje eu não sei falar direito português, mas eu melhorei”*, ela conta.

Val conheceu seu ex-marido em Campinas e eles tiveram uma filha, Paula. Eu entrevistei Paula, sua única filha. A filha acompanhava Val no trabalho até os dois anos de idade. Depois disso, Paula foi para uma creche paga pela mãe já que a casa dos patrões tinha escadas e não era segura para uma criança pequena. Eu perguntei para Val sobre seu ex-marido e ela me disse que não mencionou o pai de Paula nas nossas conversas iniciais porque ele nunca ajudou a filha financeiramente. Além disso, ela me disse que foi abusada por ele, razão por tê-lo deixado após três anos juntos. Ela me mandou uma foto dela dizendo *“Eu vou mandar uma foto minha pra você ...só pra você ver que eu sou bonita”*, dando a entender que eu a imaginava ser uma mulher feia.

Val me disse que empregadas domésticas como ela são *“invisíveis”* e que o trabalho doméstico não tem valor. Ela imediatamente se corrigiu dizendo que “outras pessoas” enxergam ela como invisível e que “outras pessoas” não valorizam seu trabalho e pensam que *“a pessoa que faz isso, que lava o banheiro, que limpa o chão, ela faz isso porque ela não sabe fazer outra coisa”*. Não está claro para mim se ela concorda com as “outras pessoas” ou se é apenas uma forma de resistir em silêncio contra a sua classificação social. Esta foi a principal razão para ela encorajar sua filha a ir para a universidade:

ela queria que o trabalho da filha fosse reconhecido, “queria que ela fosse alguém e não uma simples serviçal”, diz.

Val fez supletivo durante a noite para concluir o ensino médio e também fez um curso para ser recepcionista. Ela conta, muito timidamente, que tinha o sonho de fazer um colegial técnico após terminar o ensino médio, mas teve de desistir porque não tinha tempo para os estudos, já que trabalhava longas horas. Ela também refletiu sobre as oportunidades que teve para buscar uma trajetória profissional diferente, mas diz ter optado por permanecer empregada doméstica pois, do contrário, não teria sido possível ajudar a filha a ir para a universidade:

Eu fiz um curso de recepcionista em hotel, eu tive chance de trabalhar, de sair de doméstica e trabalhar tipo em recepção ou em loja, mas só que eu não saía, porque eu falava assim: “aqui eu tô garantida, eles não vão me mandar embora, e eu tô garantida para ela [Paula] fazer a faculdade”. Eu tinha que ter um salário que garantisse, senão não adiantava começar [Paula começar a universidade].

Val

Os patrões de Val pagaram parte da faculdade de Paula. Ela me disse que sem a ajuda dos patrões, dificilmente a filha teria ido para a universidade, já que ela estudou em uma instituição privada e a mensalidade era cara. Apesar de poder contar com a ajuda dos patrões, Val arcou com a maior parte das despesas da educação da filha: pagou o restante das mensalidades, livros e materiais, comida e transporte de Paula. Ela lembra que foi uma época em que ela teve que trabalhar mais horas e economizar mais dinheiro para poder pagar os estudos da filha:

Ela vai estudar de qualquer jeito, mesmo que eu deixava de comprar as coisas. Eu pagava aluguel na época —hoje não— então tinha umas coisas que não dava pra comprar: não dava, não dava! Não podia viajar para a minha

A Força Invisível (As Mães)

mãe que é em outro estado ...não, não vai viajar: vai pagar a faculdade! Ela [Paula] nunca teve cotas e não foi incentivada por outras pessoas, só por mim e pelo que ela mesmo queria: estudar.

Val

Quando eu entrevistei Paula, ela me contou que não morou com a mãe quando criança. Val não mencionou isso nas nossas conversas e eu tive que entrar em contato com ela novamente depois de conversar com a filha, para saber mais sobre o fato. Val me contou que ela esqueceu de mencionar que a filha não morou com ela dos 6 até os 13 anos de idade. Nessa época a criança morou com o pai e os avós paternos.

Val me contou que quando Paula fez 6 anos de idade e começou o ensino fundamental ela teve dificuldades para conciliar o trabalho de empregada doméstica com a nova rotina porque a escola não cuidava da criança em tempo integral e ela era uma mãe solo que precisava trabalhar em período integral. Mesmo que ela pudesse arcar com as despesas de pagar uma pessoa para cuidar de sua filha após a escola, ela ainda teria dificuldades para buscar a filha na escola, porque não podia deixar o trabalho no meio do dia para buscá-la. As dificuldades levaram Val a permitir que a filha morasse com seu pai e avós paternos já que o ex-marido voltou a morar na casa dos pais após a separação. Val me disse que foram os avós da Paula que a criaram: o avô era aposentado e levava e buscava a menina na escola e a avó costureira, já que trabalhava de casa, era responsável pelos cuidados do dia a dia da criança, quando ela não estava na escola. Val encontrava com a filha aos finais de semana e levava comida e outros itens de necessidade para a filha. Ela não podia contar com o ex-marido para pagar as despesas da menina, porque o ex-marido tinha dificuldades em se manter em um trabalho. A mãe também era responsável pelas consultas médicas da filha e ficou com Paula no hospital quando a menina fez uma cirurgia. Val conta que Paula decidiu voltar a morar com ela quando tinha 13 anos porque começou a ter interesses românticos de uma jovem adolescente e encontrou dificuldades vivendo com seu pai conservador.

Paula fez o ensino médio em uma escola privada quando voltou a morar com a mãe. Val pagou os estudos da filha e Paula conseguiu uma bolsa de estudos parcial após fazer uma prova. Paula obteve um diploma técnico em Publicidade e Propaganda. Após o diploma, a filha recebeu uma proposta de trabalho como *trainee* na sua área de formação e outra proposta quando estava na universidade — desta vez em uma empresa multinacional que lhe ofereceu uma oferta de trabalho permanente ao final da graduação.

3.4 Vitória

Vitória nasceu e foi criada na roça de sua família no interior do Ceará, no Nordeste do país. “*Lá é cruel*”, Vitória conta sobre sua cidade natal no sertão nordestino. Sua família era muito pobre, ela e seus irmãos tinham que andar sete quilômetros a pé para a escola, localizada na cidadezinha mais próxima. Os pais precisavam que os filhos ajudassem a trabalhar a terra e todos os filhos acabaram por deixar a escola para trabalhar na roça da família; Vitória deixou a escola antes de concluir o ensino fundamental.

A pobreza aguda e a falta de oportunidades em sua cidade levaram Vitória a migrar para o Sudeste do país. Ela se mudou para Campinas quando tinha 21 anos e teve que deixar sua filha de um ano de idade para trás. A criança foi criada pelos pais de Vitória, já que ela não tinha condições de levá-la com ela, com a perspectiva de trabalhar em tempo integral e sem acomodação fixa na nova cidade. Seu primeiro trabalho foi de empregada doméstica e ela morava no quarto de empregada da casa dos patrões, já que não tinha condições de morar em outro lugar.

Vitória trabalhava das seis horas da manhã até dez ou onze horas da noite. Seus patrões não pagavam as horas extras trabalhadas e o salário recebido era abaixo do valor do salário mínimo. Sua patroa “*era muito desconfiada*” e revistava suas coisas regularmente, procurando por itens supostamente roubados pela empregada. Vitória lembra que ela notou que sua bolsa e gavetas estavam reviradas

e reclamou com a patroa sobre isso, mas a patroa desconversou e sugeriu que uma das crianças da casa havia mexido nas coisas da empregada. A partir daí, Vitória passou a trancar a porta de seu quarto com chave antes de sair da casa dos patrões aos domingos; a patroa ficou tão enraivecida com a iniciativa que a seguiu com o carro durante o trajeto que Vitória caminhava até a casa de seu irmão e, em um dado momento, abordou a empregada na rua e exigiu que ela lhe entregasse a chave do quarto. “*Não gosto nem de falar essas coisas porque eu fico até tremendo de nervoso*”, conta Vitória. “*Fui me sentindo assim um lixo, sabe? Eu fui me sentindo humilhada*”, ela relembra.

Vitória também me contou sobre uma carta que ela escreveu para seu pai, que vivia no Ceará, e pediu para a patroa colocar no correio; ela encontrou a carta aberta, no porta-luvas do carro, dois meses depois de entregá-la a patroa: “*quando eu me lembro me dá uma raiva, me dá vontade de dar na cara dela*”, ela conta, nervosa. Ela resgatou a carta sem falar nada para a patroa e colocou no correio ela mesma.

Após três anos trabalhando para esta família, Vitória pediu demissão, contando com um trabalho novo que ela encontrou por meio da irmã, também empregada doméstica em Campinas. A patroa não aceitou o pedido de demissão e começou a discutir com a empregada, aos gritos; não conseguiu convencer Vitória a permanecer no emprego e saiu descontrolada, batendo e chutando as portas da casa. “*Se eu tivesse dado bofeira eu tinha apanhado dela*”, conta Vitória sobre aquele dia. A patroa fez o marido ter uma conversa com a empregada, para convencê-la a não ir embora para o novo emprego. Vitória confirmou para o patrão que a sua decisão estava tomada, mas não lhe contou dos problemas que tinha com a patroa, que a motivou a deixar o emprego: “*não vou ficar falando ...esse povo é poderoso, acha que pode mais do que a gente, então não vou nem falar*”, diz. Vitória disse à patroa que a nova empregadora iria buscá-la em sua casa de carro, para ajudá-la com a mudança, mas a patroa foi contra, forçou que Vitória entrasse em seu carro e lhe disse: “*eu vou levar você na casa do seu irmão do jeitinho que eu te busquei*

no dia que você chegou de viagem". Vitória não teve como avisar a nova patroa sobre a mudança de planos e a mulher não a encontrou na casa quando foi buscá-la de carro: *"quando eu me lembro me dá até uma angústia por dentro"*, Vitória relembra.

Vitória trabalhou como empregada doméstica na casa de duas outras famílias desde que deixou seu primeiro emprego no Sudeste e trabalha há 27 anos no emprego atual. Ela teve uma segunda filha, Helena. Eu entrevistei Helena.

Não era parte do escopo inicial da minha pesquisa investigar histórias de vida de filhas de empregadas domésticas que não foram para a universidade, mas após entrevistar Vitória, eu decidi incluir brevemente a história de sua filha mais velha, Claudia, já que sua trajetória de vida foi tão dissonante da de sua meia-irmã, além de ter uma relevância fundamental na história de vida de Vitória.

Vitória se recorda que *"eu era pai e mãe ao mesmo tempo"* quando Claudia era pequena. Ela mandava dinheiro *"religiosamente"* todos os meses para sua mãe criar Claudia, desde que se mudou para Campinas. Ela mantinha contato com a filha por telefone, normalmente por meio de sua mãe e a visitou um ano após ter deixado o Ceará, seguida de outra visita quatro anos depois — e duas outras visitas que se seguiram.

Ela conta que Claudia teve muitos problemas e era uma criança *"difícil"* na escola. Vitória conta que uma vez foi contactada pela professora da filha por telefone, para discutir sobre os problemas da filha na escola, mas, impotente para resolver os problemas estando tão distante, ela disse à professora: *"eu sei que está difícil ...mas eu não posso fazer nada"*, ela relembra. Os problemas de Claudia foram aumentando, e a mãe de Vitória desistiu de mandar Claudia para a escola contra sua vontade quando a menina tinha 14 anos. *"Ela não serve pra nada porque ela não tem um nada de estudo"*, Vitória diz sobre sua filha mais velha. Claudia deixou a escola antes ainda que sua mãe. Ela se mudou para a casa do seu namorado quando tinha 15 anos e o casal teve dois filhos. Vitória tem dificuldade para lembrar a idade dos netos e me disse que a última vez que os visitou

no Ceará foi há três anos. Recentemente Claudia teve seu terceiro filho, no mesmo mês em que Helena teve seu primeiro bebê.

Vitória é próxima do bebê de sua filha Helena, e mãe e filha tem uma boa relação, bastante diferente da relação que a mãe tem com a filha mais velha. A mãe diz preferir não ter contato com Claudia, porque a filha é “*mal educada*” e “*muito revoltada*”. Ela fala da filha com ressentimento: “[*Claudia*] *está nessa situação porque ela não pensou, não fez as coisas direito ...podia ter sido outra pessoa, mas quis escolher essa situação, então ...o que vai fazer?*” e frequentemente compara as duas filhas usando uma abordagem supostamente meritocrática.

Vitória me disse que ela pagou as mensalidades da universidade da Helena e tem ajudado a filha financeiramente desde que ela deixou a casa dos pais, já que Helena tem dificuldades para “fechar o mês” com o salário de professora do ensino fundamental. Claudia, por sua vez, não conta com a ajuda da mãe e está “presa” em uma região que não oferece oportunidades, da qual sua mãe escapou migrando para o Sudeste, passando necessidades e vivendo todo tipo de privações.

3.5 Carmem

A Carmem me disse “*eu casei muito cedo*”, mas não está claro para mim se isso é motivo de arrependimento. Ela se casou quando tinha 18 anos, logo após terminar o ensino médio e o casal teve dois filhos. Ela foi mãe e dona de casa em período integral até que sua filha mais nova, Julia, fez dez anos. Eu entrevistei Julia.

Carmem trabalhou como cozinheira em creches e escolas e também como assistente de vendas em lojas. Ela também trabalhou em um hospital por quatro anos depois de fazer um curso para ser técnica de radiologia, mas desistiu do emprego porque não estava feliz na função. Recentemente ela trabalhou como empregada doméstica por quase oito anos na casa de uma família em Campinas e deixou o trabalho porque recebeu uma proposta de emprego para trabalhar em um hotel, após obter um diploma universitário que a qualificou

para desenvolver dietas para diabéticos. Ela é a única mãe que eu entrevistei que tem um diploma de ensino superior: Carmem estudou Gastronomia quando tinha 47 anos. Sua filha obteve um diploma universitário antes dela, e Julia foi a primeira mulher em sua família a ter um diploma.

Carmem me disse que ela não teve condições de ajudar Julia a pagar a faculdade em Estética & Cosmética, mas ela ajudou a filha de outras maneiras. “*No pouco que dava pra eu ajudar, eu ajudava*”, ela diz. Ela encorajou a filha a não ser dona de casa e a buscar independência financeira. Ela não queria que a filha fosse “*apenas dona de casa e mãe*”, diz.

3.6 Conclusões

As empregadas domésticas que eu entrevistei viveram tipos diferentes de traumas, a maioria associado a pobreza aguda, incluindo abuso e exploração no trabalho. Essas mulheres foram silenciadas por diferentes formas de opressões, mas, apesar disso, todas elas lutaram contra essas forças opressoras a nível individual e por meio de suas filhas.

Todas as mulheres sofreram privações de necessidades básicas, afetando enormemente sua educação formal e infância, já que elas tiveram que começar a trabalhar cedo na vida para contribuir com a renda de suas famílias. Todas elas, exceto uma, retomaram os estudos mais tarde na vida, mas como tinham que trabalhar longas horas e também tinham a necessidade de prover para que suas filhas pudessem estudar, encontraram dificuldade para se dedicar às suas ambições pessoais – o que eventualmente levaria essas mulheres a mudarem suas carreiras e status social – deixando-as de lado para priorizar os estudos da nova geração. Val conscientemente abandonou seus planos de buscar um diploma profissional e de se tornar uma recepcionista depois de se qualificar para isso, porque seus patrões se ofereceram para pagar parte da faculdade da filha; se ela deixasse seu trabalho de empregada doméstica naquele momento, ela poria

A Força Invisível (As Mães)

em risco as chances da filha ir para a universidade, optando por ficar onde estava.

Marilla perdeu todos os seus dentes por não ter condições de ter tratamento odontológico quando ainda era jovem e se tornou uma mulher ressentida e deprimida. Apesar disso, ela buscou melhorar de vida por meio de um emprego estável, passando no concurso para ser servente de limpeza em um Tribunal e o salário melhor foi usado para pagar aulas de inglês para sua filha e também para pagar um curso preparatório que ajudou a levar a filha para a universidade. Apesar de Vitória não conseguir mudar de carreira, ela conseguiu mudar de emprego e melhorar sua vida depois de sofrer abuso e exploração no seu primeiro emprego como empregada doméstica; melhores salários e o pagamento das horas extras trabalhadas aos sábados permitiram que ela pagasse a faculdade da filha, e mais, lhe deu condições para ajudar a filha financeiramente desde que Helena saiu da casa dos pais. Ela mostrou uma agência incrível ao resistir aos abusos de seus ex-patrões ao trancar a porta do seu quarto, se recusando a ser revistada, resgatando sua carta e, em última instância, deixando seu emprego, apesar das intimidações sofridas para que ficasse.

Val quer ser vista e me mandou uma foto dela. Ela foi silenciada cedo na vida pelo patriarcado, pela visão sexista de seu pai, contrário a educação formal das mulheres. Isso a silenciou literalmente, quando ela se mudou da pequena propriedade rural de sua família para uma cidade grande e se viu incapaz de falar sua própria língua “corretamente”, encontrando dificuldades para conversar com as pessoas. As mesmas forças do machismo estiveram presentes em seu casamento e ela foi abusada pelo ex-marido. Carmem sentiu forças similares quando ela se viu incapaz de seguir uma carreira quando ainda era jovem e mãe; perseguir seus planos de carreira mais tarde na vida lhe permitiu deixar o trabalho de empregada doméstica e ingressar na carreira de cozinheira profissional, especializada.

Todas as mães se mostraram altamente comprometidas com seus trabalhos, já que muitas eram “chefe de família” enquanto outras eram responsáveis por uma parcela importante da renda familiar. Entre outras coisas, elas precisavam assegurar os estudos de suas fi-

lhas, seja para poder manter seus filhos estudando, poupando-lhes de ter de contribuir com a renda da família, como fez Dandara, ou para poderem pagar as mensalidades da universidade das filhas, como Vitória e Val fizeram. Por causa disso, todas as filhas, exceto uma, não precisaram trabalhar ainda jovens e nenhuma teve que abandonar os estudos, diferentemente da história de suas mães. Essas meninas eram pobres, mas, ao contrário de suas mães, elas não viveram uma pobreza aguda.

Algumas empregadas domésticas alcançaram formas de mobilidade social, embora restritas, já que ao deixarem suas cidades natal na zona rural e migrarem para cidades grandes, foram capazes de conquistar uma carreira estável como empregadas domésticas trabalhando para a mesma família por muitos anos, como Vitória e Val fizeram, ou se tornando serventes de limpeza escolar por muitos anos, como fizeram Marilla e Dandara. Com isso, algumas foram capazes de construir ou comprar suas próprias casas e de ajudarem suas filhas adultas financeiramente. A vida melhor só foi possível porque essas mulheres trabalharam longas horas como empregadas domésticas e tiveram de se submeter às difíceis condições de trabalho que frequentemente forçaram essas mulheres a ficarem ausentes de suas próprias famílias.

Um par de mulheres também teve suas vozes silenciadas como mães: Vitória teve que deixar sua bebê para trás no Nordeste quando migrou para o Sudeste, estremecendo a relação entre mãe e filha permanentemente, enquanto Val teve de se separar de sua filha por muitos anos, porque era mãe solo e trabalhava em tempo integral, não tendo condições de cuidar da filha quando ela não estava na escola ou de pagar para que a filha fosse cuidada enquanto ela trabalhava. Os conflitos entre o mundo rural e urbano também contribuíram para que Val perdesse sua voz, já que os talentos aprendidos na roça não tinham valor prático quando ela se mudou para Campinas e começou a trabalhar como empregada doméstica. Isso fez com que ela se sentisse invisível e desvalorizada pelos outros.

Apesar de as mães que eu entrevistei serem percebidas como invisíveis pela sociedade, suas vozes e histórias de vida tiveram uma força

A Força Invisível (As Mães)

imensa no mundo de suas filhas, mesmo que elas não tenham tido a oportunidade de serem mais presentes em suas vidas. Na maioria dos casos essas vozes maternas tiveram um tom positivo enquanto, em outros, essas vozes se mostraram intimidadoras, deixando cicatrizes emocionais nas filhas que eu entrevistei. Apesar disso, elas tiveram um papel poderoso, guiando suas filhas rumo a uma trajetória de vida diferente da delas, rumo à mobilidade social ascendente, como eu vou explorar adiante no próximo capítulo.

4

Trabalho para Quem Sabe “Ler e Escrever” (As Filhas)

RECRUTADOR: Você gostaria de trabalhar em um escritório?
Ou você prefere trabalho manual?

BILLY: O que é isso, trabalho manual?

RECRUTADOR: Quer dizer trabalhar com suas mãos, por exemplo: construção, agricultura, engenharia. Trabalhos assim, o contrário de trabalhos de bater carimbo.

BILLY: Eu acho que me daria bem trabalhando num escritório, né? Eu tenho um trabalho de ler e escrever.

(Tradução livre do diálogo da entrevista de recrutamento de jovens (Hines, 2000))

De acordo com Stuart (2012), a educação superior tem um importante papel para dar condições para que os jovens da classe trabalhadora sejam capazes de ter ocupações qualificadas após a obtenção

de um diploma. No Brasil 21,5% das mulheres e 15,6% dos homens têm um diploma universitário, mas, apesar de o conjunto das mulheres ter 37,9% mais diplomas que os homens como um todo, as mulheres negras estão atrás: o percentual de mulheres brancas com ensino superior completo é mais do que o dobro do calculado para as mulheres pretas ou pardas, isto é, 2,3 vezes maior. Apenas 10,4% delas têm um diploma, frente a 23,5% das mulheres brancas e 20,7% dos homens brancos (IBGE, 2018). Além disso, os mesmos estudos mostram que, apesar de as mulheres terem mais diplomas universitários que os homens, existe uma diferença entre qualificação e renda no mercado de trabalho, já que o salário médio das mulheres representou 63,4% daquele dos homens em 2016.

Muitas ONGs têm advogado pelo empoderamento econômico das mulheres, definido pela fundação Bill & Melinda Gates como:

(...) o processo transformador que ajuda as mulheres e meninas a saírem de uma posição de poder, voz e escolhas limitadas em casa e na economia para uma posição em que elas adquirem os talentos, recursos e oportunidades necessárias para competirem de forma igualitária nos mercados, além de terem poder para controlar e se beneficiar dos ganhos econômicos.¹

O estudo de caso do Brasil feito pela fundação mostra como as políticas governamentais focadas no trabalho do cuidado de pessoas, tais como programas de creches gratuitas para crianças de zero a seis anos e melhoria nas licenças-maternidade/paternidade, além da ampliação da educação combinada com o crescimento econômico nacional, produziram um aumento significativo na participação da mulher no mercado de trabalho durante os anos 2000 (*Gates Foundation, 2019*). No entanto, esta narrativa não aborda o poder silencioso do papel das mães nessa jornada de transformação social que levou tantos jovens a universidade, que é o foco deste livro.

¹<https://www.gatesfoundation.org/equal-is-greater/our-approach>

As empregadas domésticas e suas filhas que eu entrevistei viveram esses anos progressistas que empoderaram as mulheres no Brasil. As filhas obtiveram seus diplomas universitários nesse período e foram a primeira geração em suas famílias a conquistá-los. Todas elas alcançaram um status social melhor em comparação aos seus pais. Todas as mulheres que eu entrevistei são trabalhadoras qualificadas e suas ocupações profissionais são relacionadas as suas áreas de formação; a maioria tem uma renda superior a da geração anterior, com base nas informações que eu consegui obter de suas histórias de vida. Neste capítulo eu irei explorar como as filhas de empregadas domésticas conseguiram entrar no ensino superior por meio da investigação do ambiente familiar que propiciou que essas jovens mulheres tivessem a opção de escolher “um trabalho para ler e escrever”. Semelhante às histórias de vidas de suas mães, apresentadas no capítulo anterior, algumas histórias são mais profundas e ricas em detalhes enquanto outras são limitadas, baseadas no que eu consegui levantar com as minhas entrevistadas.

4.1 Lucia

Lucia e seu irmão acompanhavam sua mãe Marilla ao trabalho diariamente desde os quatro até os seis anos, quando iniciou o ensino fundamental. A mãe trabalhava como servente de limpeza escolar das duas horas da tarde até as onze horas da noite e ela tinha que carregar Lucia no colo do ponto de ônibus até a casa da família ao final do expediente de trabalho, porque a menina estava exausta aquela hora da noite.

Lucia ajudava sua mãe a limpar as mesas das salas de aula e a sujeira do chão e passava o restante do tempo na biblioteca da escola. “*Minha paixão por livros, literatura e narrativas em geral deve ter começado aí, num contexto um tanto improvável*”, ela conta.

Irmã mais nova, Lucia conta que seguiu os passos de seus irmãos e deixou a casa dos pais em Itapeverica da Serra (São Paulo) para ir fazer colegial técnico em São Paulo, determinada a ter um diploma

profissional e a entrar logo no mercado de trabalho. *“Eu não tinha muito parâmetro (...) eu sabia que eu não ia ser igual meus pais”*, ela recorda. Ela teve dificuldades com a baixa autoestima: *“eu tinha uma autoestima muito baixa (...) hoje eu sei que tem muito a ver com a questão social”*, ela diz, e estava frustrada com suas opções de estudo. O seu amor a literatura e histórias fez com que ela começasse a se interessar em buscar um diploma acadêmico e Lucia decidiu concorrer para uma vaga na universidade no curso de Letras. Ela iniciou um curso preparatório para o vestibular com a duração de um ano, pago pela sua mãe. Em torno da mesma época, Lucia começou a fazer aulas de inglês aos sábados, também pagas por Marilla e recebeu a promessa de ser efetivada professora de inglês na escola onde estudava, graças ao seu desempenho extraordinário, se ela passasse no vestibular para estudar Letras na universidade. Ninguém na sua família tinha um diploma acadêmico, e Lucia me disse que sua mãe queria que ela fosse funcionária pública: *“desde que eu tinha 18 anos, minha mãe falava para eu fazer concurso público”*, ela conta.

Lucia passou no vestibular e estudou Letras em uma das universidades de mais prestígio no Brasil; ela foi a única filha que eu entrevistei que fez seus estudos de graduação em uma universidade pública. Ela não se beneficiou dos programas governamentais para educação superior e Lucia me disse que ela provavelmente nunca teria conseguido uma vaga na universidade se não fosse o apoio que recebeu da família: *“pra eu entrar na universidade eu tive o apoio familiar ...eu não conseguiria jamais se eu não tivesse feito o cursinho e tudo o mais”*, ela diz, adicionando que ela se beneficiou de ter estudado numa universidade pública porque pode contar com refeições subsidiadas, por exemplo. Lucia também é a única filha que eu entrevistei que não morou com seus pais enquanto estudava na universidade. Ela teve que trabalhar enquanto estudava para pagar pelas suas despesas pessoais e trabalhou em dois estágios remunerados na universidade, além de dar aulas de inglês.

Lucia recebeu a promessa de um emprego permanente na Universidade de São Paulo (USP) quando se formasse, mas a oferta

foi cancelada no último momento, impactando severamente a saúde mental de Lucia, já que ela se viu desempregada ao se formar na universidade. Ela teve depressão e teve que retornar para a casa dos pais:

Eu tinha uma preocupação muito grande de trabalhar e estudar. Eu tinha muito medo de não ser ninguém na vida, esse medo que a gente tem de ser pobre, ser miserável. Porque ser classe média baixa é uma merda, você está ali subindo, mas qualquer coisa, cai tudo. Isso me aconteceu duas vezes. Eu tinha um emprego mais ou menos digno, mas se eu perco ele, se eu não tenho suporte, acabou aquela renda, acabou o sonho. Apesar de você às vezes frequentar os mesmos lugares de outras pessoas, ter acessos bem simbólicos e materiais, você não tem um colchão; se te acontece alguma coisa, como ser demitida, e você não tem um colchão, danou-se. Eu não tinha quem pagasse as coisas pra mim.

Lucia

A experiência de desemprego fez Lucia desistir das suas ambições acadêmicas: “Foi quando eu decidi que o trabalho era mais importante”, ela diz. Ela decidiu estudar para passar em um concurso público e se tornar funcionária pública para ter um emprego estável, em vez de aplicar para uma vaga de pós-graduação como ela gostaria originalmente. Ela passou no concurso e, desde então, trabalha meio período em uma posição administrativa em um órgão público. A renda estável combinada com o tempo extra disponível permitiu que ela tivesse uma vida confortável e que ela se dedicasse a outros projetos, como um mestrado na área de Educação finalizado recentemente, além de ter condições de ajudar seus pais financeiramente. Ela acredita que foi a carreira de funcionária pública que fez com que ela alcançasse mobilidade social e não o diploma universitário.

Apesar da carreira de sucesso de Lucia, Marilla disse ao longo de nossa conversa que “o meu sonho mesmo” é ver a filha estudando

Direito. *“Parece que eu vejo ela uma advogada”*, a mãe me disse — e me pediu para dizer isso a Lucia quando conversasse com ela. Lucia me disse que ela acha que a mãe gostaria que ela tivesse uma profissão que lhe trouxesse mais reconhecimento social: *“ela queria ter um ‘dotô’ na família, alguém que fosse de uma profissão mais socialmente valorizada, que tivesse status ...ela admira pessoas que vestem roupa bonita”*, conta a filha.

Skeggs (1997) aponta a respeitabilidade social como sendo um dos mais importantes significadores de classe, normalmente uma preocupação de quem não tem esse reconhecimento. Lucia não se importa em ter o reconhecimento social, o status “de dotô”, preferindo um estilo de vida mais relaxado, sem ostentação. Ela me contou que recentemente “fez um esforço” e se vestiu melhor para acompanhar a mãe em uma consulta médica: *“eu até fui um pouco mais arrumadinha pra ela ficar feliz”*.

4.2 Tereza

Tereza é filha de Dandara. Ela me disse que *“eu queria muito uma profissão que pudesse me ajudar a ter um preparo para colaborar para as pessoas que eram vítimas de desigualdades, por exemplo as pessoas negras; era uma coisa que sempre me afetou”* e que a forma que encontrou de fazer isso foi ir para a universidade. Ela está envolvida com movimentos sociais desde menina, por meio da sua igreja e de coletivos negros na luta antirracismo.

Tereza e seu irmão acompanhavam a mãe Dandara ao trabalho durante os primeiros seis anos de idade da menina. Ela diz que suas memórias dessa época são todas associadas a sair de casa de manhã, *“no escuro”*, e chegar em casa de noite, *“também no escuro”*.

Tereza queria estudar Serviço Social, mas não conseguiu um lugar em uma universidade pública, porque o curso não existia na sua cidade e ela não podia estudar em uma universidade que não fosse na cidade onde moravam seus pais, já que não tinha condições de sair da casa da família e se sustentar sozinha naquele momento. Além

disso, ela precisava trabalhar em período integral para custear suas próprias despesas, o que exigia que o curso escolhido oferecesse a opção de estudo noturno. Ela conta que estudou em escola pública e teve um ensino médio de má qualidade, o que dificultou suas chances de entrar na universidade e a levou a passar dois anos se preparando para entrar no vestibular, após não ter conseguido na primeira tentativa. Aos sábados, ela fazia cursinho na EDUCAFRO², ONG que oferece cursos pré-vestibulares gratuitos para jovens negros e de baixa renda; nos dias de semana, ela cursava um cursinho pré-vestibular pago, após conseguir uma bolsa de estudos para o período noturno, enquanto trabalhava como aluna monitora durante o dia. Durante esse período seus pais “*não contaram com a minha renda de trabalho em casa*”, ela diz.

Tereza passou no vestibular e conseguiu uma vaga em uma universidade privada em 2002, mas na época não havia programas governamentais para financiamento de cursos superiores nem políticas de ações afirmativas. A família não tinha dinheiro para pagar sua matrícula na universidade, ela teve que fazer um empréstimo no banco para poder pagá-la e, apesar de conseguir uma bolsa de estudos, a bolsa era parcial e ela teve que pagar 50% do curso após obter o diploma (somente em 2020 ela conseguiu pagar seu empréstimo estudantil). Ela tinha pouco tempo para se dedicar aos seus estudos durante os anos universitários já que precisava trabalhar em período integral durante o dia enquanto estudava de noite. Além disso, Tereza ajudava os pais trabalhando na barraca de comida da família aos domingos.

Apesar dos pais de Tereza não terem condições de ajudá-la a pagar a faculdade, ela diz que eles fizeram tudo o que estava ao seu alcance para manter os filhos na escola: “*nós demoramos para trabalhar aqui em casa*”, ela conta, comparando sua situação com a de outros parentes que tiveram que começar a trabalhar quando tinham 13/14 anos. “*Meus pais seguraram o máximo para que a gente pudesse priorizar os estudos*”, ela diz. Graças a isso, ela pode terminar

²<https://www.educafro.org.br>

Trabalho para Quem Sabe “Ler e Escrever” (As Filhas)

o ensino médio sem que tivesse de ter um trabalho remunerado, até entrar na universidade.

Tereza sonhava em ter um diploma acadêmico, mas a maioria das pessoas ao seu redor sugeria outras coisas: “*tem que fazer ensino técnico, ser professora!*”, ela recorda outras pessoas dizendo para ela. Ela conta que a mãe enfrentava essas pessoas, dizendo para elas: “*minha filha pode ser o que ela quiser!*” Tereza descreveu o ambiente de estudo que ela tinha na casa dos pais:

Em casa sempre teve uma cultura do estudo, meus pais sempre colocaram como uma prioridade: um lugar para estudar, eu sempre ganhei muitos livros, meus pais sempre foram muito presentes na escola, e sempre disseram pra mim que seria possível entrar numa universidade.

Tereza

Tereza também pode contar com o suporte da sua comunidade: ela recebia livros de presentes de outras mulheres negras do seu bairro — muitas dessas mulheres foram serventes de limpeza como sua mãe e também conseguiram estudar, se tornando professoras depois — recebeu apoio de pessoas do movimento negro e professores da EDUCAFRO.

4.3 Paula

Paula me contou que a sua mãe trabalhava longas horas todos os dias durante a sua infância, inclusive aos sábados, e que ela foi criada pelos seus avós dos 6 aos 15 anos — Val me disse que a filha se enganou e que ela voltou a morar com ela quando tinha 13 anos, não 15. Paula acompanhava a mãe no trabalho com bastante frequência quando era bem pequena. “*A lembrança que mais tenho é do transporte público pela manhã, lotado de pessoas e minha mãe me carregando com muitas coisas. Fazendo um grande esforço*”, ela recorda. Ela ressentida que a mãe não teve condições de estar mais presente e gostaria que Val tivesse tido mais tempo para estar com ela durante a infância.

Paula me disse que jamais teria um diploma universitário sem o apoio de sua mãe e dos patrões de Val. Ela estudou Comunicação Social/Jornalismo em uma universidade privada e morou com a mãe enquanto se preparava para o vestibular e durante a faculdade. Paula tem uma posição de analista em uma empresa multinacional e trabalha de casa durante a pandemia. Ela conquistou independência financeira por meio do seu trabalho e tem uma vida confortável que lhe permitiu estudar outros idiomas e viajar ao exterior, além de ter feito um curso de pós-graduação com seus próprios recursos.

4.4 Helena

Helena me contou que sua mãe foi ausente durante sua infância. A família vivia na periferia de Campinas, o que consumia ainda mais tempo da vida ocupada de Vitória, já que a família dependia do transporte público precário para se deslocar na cidade. Helena é a filha mais jovem de todas as filhas que eu entrevistei e, ao contrário das outras mães que precisavam levar suas crianças no trabalho com elas antes da idade escolar, sua mãe pode contar com a disponibilidade de creche gratuita desde que Helena era muito pequena, o que permitiu que ela trabalhasse em período integral. Vitória levava e buscava a filha na creche (e depois na escola) antes e depois do trabalho; ela trabalhava todos os dias e aos sábados. A família tinha apenas o domingo para passar tempo juntos – mas a mãe estava sempre muito ocupada, segundo Helena, limpando e organizando a casa da família.

Quando eu perguntei para Helena o que ela faria por um filho que a sua mãe não fez por ela, ela me disse que gostaria de criar uma cultura de leitura em casa: *“hoje eu sofro muito para conseguir ler um livro”*, ela diz, explicando que não teve hábitos de leitura em casa, quando criança. Todavia, ela tem clareza das diferenças de contexto dela e da mãe: *“eu sei que a minha mãe não fez isso porque não fizeram isso com ela”*. O testemunho de Helena revela a essência da mobilidade social: ela está construindo em cima da sua própria

mobilidade social, planejando passar as transformações adiante e de forma ainda mais ampla para a próxima geração da família. O entendimento dos elementos que limitaram as oportunidades de vida de sua mãe e dela mesma, aliada com a vontade ativa de eliminar ou reduzir essas barreiras na criação de seu filho indicam a continuidade progressiva da mobilidade social vivida na sua família, colocando a geração seguinte em uma condição inicial que potencialmente será substancialmente melhor que a da geração que a precedeu, trazendo ainda mais oportunidades para a melhoria de vida.

Helena parou de estudar e saiu da casa dos pais para morar com o namorado quando ela tinha 16 anos. Ela teve que fazer supletivo mais tarde, pra retomar os estudos interrompidos. Ela me disse que queria ser professora e trabalhou com crianças por um ano antes de começar a faculdade, para confirmar a sua vocação. Ela tem um diploma em Pedagogia e estudou em uma universidade privada. Helena disse que, ao contrário de muitas de suas amigas, ela não quis fazer FIES ou ProUni: *“eu preferi me esforçar mesmo e trabalhar e pagar”*, ela diz, já que, segundo ela, os programas exigiam que o estudante não ficasse de dependência ou que deixassem de concluir matérias, uma pressão adicional que ela não queria ter ao longo do curso. Ela me disse que pagou pelas mensalidades do curso. A mãe dela, entretanto, conta que foi ela quem pagou a faculdade da filha: *“se a Helena fosse depender dela pra pagar a faculdade, ela não teria feito a faculdade (...) eu tive que abrir mão de um dinheiro meu ...não fiz empréstimo, foi do meu salário mesmo!”*, Vitória me contou.

Helena é a única filha que eu entrevistei que ainda não alcançou estabilidade financeira após obter o diploma universitário, apesar de ter um status social melhor como professora do ensino fundamental em relação a sua mãe, empregada doméstica. Helena me disse que sua mãe não ficou feliz com sua escolha de curso superior, porque professores são notavelmente mal pagos no Brasil, mas, apesar disso, Vitória sempre a apoiou nas decisões de estudo e carreira. Ela não mencionou a ajuda financeira recebida da mãe nas nossas conversas.

4.5 Julia

Julia é filha de Carmem. Ela é a única filha com quem eu conversei que teve que começar a trabalhar cedo, quando tinha 14 anos. Ela trabalhou no McDonalds e, com dificuldade, conseguiu conciliar o trabalho com os estudos. Praticamente todo o seu salário era usado para pagar a faculdade. Ela estudava de noite, trabalhava durante o dia e morava com sua família, evitando despesas extras. Ela me disse que sua família sempre a ajudou emocionalmente e, eventualmente, também colaborou financeiramente nos momentos em que ela teve dificuldades para pagar a mensalidade do curso. Ela é a única filha que eu entrevistei que tem um diploma profissional, de um curso superior técnico.

Julia atualmente trabalha como assistente de vendas em uma boutique de roupas femininas em Campinas, é casada e tem um filho pequeno. Ela alcançou status social e renda melhores que sua mãe e foi capaz de comprar uma casa – algo que a mãe ainda não conseguiu – quando ela tinha 28 anos.

4.6 Conclusões

Todas as filhas de empregadas domésticas e serventes que eu entrevistei receberam grande apoio de suas mães, cada qual conforme as suas circunstâncias. Marilla foi capaz de pagar um curso preparatório para o vestibular para a filha entrar na universidade e isso beneficiou Lucia, colocando-a em uma posição melhor que as demais filhas entrevistadas, já que ela foi a única a entrar em uma universidade pública. Ela também foi a única a ter condições de sair da casa dos pais durante os anos universitários e foi capaz de arcar com os custos de vida devido as oportunidades de estágio remunerado oferecidas pela sua universidade, ao mesmo tempo em que trabalhava como professora de inglês. As demais filhas ingressaram em universidades privadas, o que trouxe uma camada adicional de pressão sobre suas famílias; sua educação estava restrita à cidade de residência de

seus pais, já que as filhas não tinham condições de se sustentarem sozinhas, fora da casa de seus pais. Val e Vitória tiveram condições de pagar a faculdade de suas filhas (Val com a ajuda dos seus patrões) e todas as mães deram apoio as filhas provendo alimentação, material de estudo e transporte para a universidade, ao custo de terem que trabalhar ainda mais horas, não gastando seu dinheiro com elas mesmas e comprometendo sua presença em casa.

Apesar do apoio de suas mães, todas as filhas que eu entrevistei tiveram que trabalhar enquanto estavam na universidade, algumas para financiar a mensalidade de seus cursos, outras para arcar com suas despesas pessoais. Algumas filhas não contaram com nenhum apoio de seus pais e só puderam contar com a ajuda de suas mães e delas mesmas. Apenas Tereza se beneficiou de programas de bolsa de estudos – oferecida pela sua universidade e não por programas governamentais. Ela é a única que também recebeu apoio fora de sua família, de organizações como a EDUCAFRO e sua comunidade.

A maioria das filhas alcançou mobilidade social ascendente tanto em renda como termos de status social após obter um diploma universitário. O comprometimento de suas mães com sua educação permitiu que elas fossem além da universidade, ingressando em outros espaços sociais por meio de estágios e redes sociais que, eventualmente, levaram a empregos nas suas áreas de formação, como nas histórias de Lucia e Paula. Educação, notavelmente educação superior, era uma prioridade em suas famílias, já que elas acreditavam que um diploma universitário traria melhores oportunidades de vida para a nova geração. Mesmo quando as mães não tinham condições de ajudar as filhas financeiramente, elas deram outros tipos de apoio que foram fundamentais no seu processo de mobilidade social, como no caso de Dandara, removendo a pressão sobre Tereza de ter que trabalhar antes de entrar na universidade, além do importante papel empoderando sua filha para resistir a uma sociedade racista. Outras tiveram que trabalhar na adolescência, como Julia, mas não obstante, ela pode contar com o ambiente de apoio familiar e conseguiu se manter na escola enquanto morava com seus pais. Todas as histórias de vida dessas jovens mulheres confirmam a fragilidade des-

sas trajetórias de mobilidade, mesmo tendo recebido enorme apoio familiar.

Todas as filhas que eu entrevistei demonstraram um enorme desejo de compensarem suas mães pelos seus sacrifícios e/ou de fazerem algum tipo de reparação das injustiças sofridas por elas ao longo de suas vidas. Elas carregam uma “dor genética” de suas mães que pode ser atenuada ou curada a partir do momento em que a geração mais jovem alcançou melhores condições de renda e status social. As filhas agora são capazes de prover emocionalmente para suas mães – se não ainda capazes de ajudá-las materialmente – superando seus traumas em conjunto com suas mães. Este é o tema do próximo capítulo.

Trabalho para Quem Sabe “Ler e Escrever” (As Filhas)

5

Memórias Entrelaçadas (Mães e Filhas)

Nunca pensei só em mim

Lucia

O fenômeno da pós-memória de Hirsch é frequentemente presente nas narrativas das filhas das empregadas domésticas que eu entrevistei, altamente associado à pobreza aguda sofrida pelas suas mães, que fez com que estas não tivessem muitas escolhas na vida e fossem “obrigadas” a enfrentar situações dolorosas e traumáticas, como a separação de suas crianças, “forçada” pelas circunstâncias hostis. Todavia, a dinâmica da transmissão de memória de mães para filhas não é simples e direta, porque suas memórias são altamente entrelaçadas. Enquanto algumas histórias de trauma foram verbalmente

transmitidas pelas trabalhadoras domésticas para suas filhas, outras memórias são de situações compartilhadas entre mães e filhas, que viveram os episódios conjuntamente, por exemplo, quando as filhas acompanhavam suas mães ao trabalho.

Eu observei em minhas entrevistas que as memórias traumáticas das mães são contrabalanceadas pela satisfação que elas obtiveram, normalmente em um momento mais avançado na vida, derivada das conquistas de vida alcançadas por suas filhas, ambos do ponto de vista pessoal e profissional. As mães vivem as experiências positivas de suas filhas como se fossem delas, levando com elas essas memórias felizes em suas vidas. O fato de que suas filhas “escaparam” do destino de serem empregadas domésticas aufere uma conexão ainda maior com suas mães: a vitória de suas filhas é a sua vitória. Tal como a “dor genética” é transmitida das mães para suas filhas, as conquistas também são divididas entre as duas gerações de mulheres, passadas das filhas para suas mães. Eu chamo essa complexa dinâmica de transmissão de memórias de *memórias entrelaçadas*. Diferentemente do sistema de mão única de transmissão da pós-memória, no qual as memórias associadas a experiências terríveis é transmitida da geração mais velha para a mais jovem, as memórias entrelaçadas trazem um mecanismo de transmissão de mão dupla: as memórias de mães e filhas associadas a experiências de trauma, assim como as memórias construídas em cima de grandes realizações, são transmitidas e compartilhadas entre essas mulheres de forma entrelaçada.

Eu argumento que essas memórias entrelaçadas alavancaram uma série de iniciativas das filhas que eu entrevistei para reparar suas mães “quebradas”, ajudando no processo de cura das cicatrizes emocionais de suas mães a partir do momento em que elas alcançaram melhores rendas e status social, consequência de terem obtido um diploma universitário, fortalecendo a mobilidade social dessa primeira geração de mulheres a ingressar na universidade.

5.1 Marilla e Lucia

As memórias de infância de Lucia foram marcadas por experiências de privações e pelas lembranças da mãe tendo dificuldades para criar os cinco filhos. Ela se lembra que a mãe constantemente dizia aos filhos: *“queria pegar um trem e fugir”* porque Marilla não conseguia dar conta das dificuldades pelas quais passava a família. Ela me contou que essas memórias são tão doloridas que ela decidiu não ser mãe: *“eu tive muito trauma...pra mim família não parecia ser um valor máximo”*, ela diz.

A mãe também era uma mulher agressiva: *“tudo o que ela achava na frente ela batia”*, diz Lucia. Ela se lembra de uma ocasião quando tinha cinco anos e, junto com o irmão, acompanhava a mãe no trabalho. Ela acidentalmente quebrou um espelho da escola onde a mãe trabalhava como servente de limpeza e Marilla ficou enfurecida: ela levou as crianças para uma sala escura, tirou suas roupas e bateu neles, deixando-os na sala sozinhos, aos prantos. O diretor da escola era uma pessoa cruel e difícil; tão marcante que Lucia ainda se lembra do seu nome e sobrenome. Ele fez Marilla pagar pelo espelho em inúmeras prestações. Esse episódio marcou Lucia: *“eu fiquei com muito trauma na época, eu já trabalhei isso na terapia”*, ela diz.

Lucia se recorda de acompanhar sua mãe ao dentista quando era pequena e ficando traumatizada pelo que testemunhou: o dentista usou um pano sujo e com manchas para limpar a boca de sua mãe, enquanto extraia seus dentes. Marilla não tinha condições de pagar para ter um bom tratamento dentário e acabou nas mãos de um profissional com pouca higiene — e provavelmente pouco talento também. Ela acabou perdendo todos os dentes, e Lucia se lembra da mãe dizendo para ela e os irmãos: *“olha só o que eu ganhei nessa vida”*, todas as vezes que a mãe tirava a dentadura. Uma das maiores preocupações de Lucia quando mais jovem era conseguir um emprego que lhe permitisse ter um bom plano de saúde e odontológico privado para ela mesma e para sua mãe: *“Nunca pensei só em mim, porque eu via as dificuldades da família”*, ela diz, complementando

que *“eu vou ficar muito mal se minha mãe morrer porque eu não tinha dinheiro para poder pagar um tratamento médico.”*

Lucia me contou que Marilla frequentemente dizia para seus filhos: *“você tem que estudar, pra você ser alguém melhor do que eu fui”*. Quando eu perguntei para Lucia se a ideia de ela seguir carreira no funcionalismo público havia sido de sua mãe, ela negou veementemente, apesar de ter me dito anteriormente que a mãe colocou muita pressão para que ela prestasse concurso público, desde os 18 anos de idade. Ela me disse que outras pessoas ao seu redor seguiram o mesmo caminho buscando o funcionalismo público já que, no Brasil, tem-se uma ideia generalizada de que essa carreira leva à mobilidade social – e portanto a ideia não foi exclusiva de sua mãe.

Apesar do ressentimento e aparente distanciamento da filha em relação à mãe, Lucia tem um enorme desejo de ajudar Marilla: *“sou muito feliz de já conseguir ter feito o que eu queria pela minha mãe”*, ela diz. Devido a carreira estável de Lucia, ela agora pode pagar por um plano de saúde privado para ela e para a mãe, e recorda que Marilla já se beneficiou disso, evitando fazer uma cirurgia desnecessária após se consultar com um médico do plano de saúde. Ela também presenteou os pais com uma geladeira e levou a família de férias, inclusive seu irmão com necessidades especiais.

Lucia quer ajudar a mãe ainda mais; gostaria dar mais apoio emocional a Marilla. A oportunidade surgiu durante a pandemia. A filha conta que foi capaz de trazer felicidade à mãe lhe presenteando com livros e filmes para ler e assistir enquanto Marilla se protegia da pandemia ficando em casa. Lucia conta que a mãe finalmente teve tempo para cuidar dela própria e os presentes ajudaram Marilla a fugir da sua realidade e entrar no universo das histórias literárias e do cinema. De acordo com a filha, pela primeira vez, ela viu a mãe menos preocupada e cultivando sonhos. Ela conta que em uma ocasião em que foi visitar os pais, ela não encontrou a mãe na cozinha após o almoço – o lugar onde Marilla sempre estava após as refeições da família, limpando os pratos. Em vez disso, Lucia viu a mãe no quintal da casa, lendo um livro. *“Eu não lembrava que eu era tão romântica assim”*, a filha se lembra das palavras da mãe,

após ler um romance da Jane Austen e da coleção da Anne (*Anne de Green Gables*). Lucia diz que a mãe nutre menos ressentimentos e me contou de uma forma bastante lírica que Marilla recentemente lhe disse que ela, finalmente, está conseguindo “*enxergar a vida*” e que ela é grata pela vida que tem.

5.2 Dandara e Tereza

Tereza está fazendo doutorado em uma das universidades de mais prestígio no Brasil. Ela carrega consigo a ancestralidade de suas avós e mãe e me contou que Dandara fez supletivo, já adulta, para concluir o ensino fundamental; suas avós não sabiam ler e escrever, uma delas concluiu o ensino fundamental com 65 anos de idade.

Tereza sofreu *bullying* na escola quando era menina por causa do seu cabelo afro, mas ela não dividiu comigo essas memórias – eu soube disso por meio de sua mãe. Enquanto Dandara escolheu relembrar as memórias do racismo sofrido pela filha durante sua infância, Tereza optou por recordar o outro lado dessas memórias, me contando sobre o importante papel de sua mãe no cuidado de seu cabelo, lhe dando amor e carinho, lhe ensinando a aprender a se amar e ter orgulho da sua herança africana. Ela me contou sobre o ritual de cuidado diário da mãe com o seu cabelo, trançando-o todas as noites após um longo dia de trabalho: “*quando chegava em casa, ela [Dandara] ainda trançava o meu cabelo*”, ela se recorda. Se valorizar e ter orgulho do seu fenótipo negro é essencial para a validação do poder da mulher negra (Berth, 2019). Tereza me disse que ela se tornou uma mulher segura e com boa autoestima graças ao amor e carinho que recebeu em casa. A rotina de amor e cuidado também esteve presente na sua experiência educacional: “*Eu lembro que ela [Dandara] chegava cansada do trabalho e me ajudava com dever de escola, ajudava a cuidar do caderno, via se eu tinha feito a lição*”, ela diz. O cuidado no dia a dia da criança é fundamental para que ela desenvolva uma autoestima saudável e para que se torne segura do seu próprio valor, para a sua capacidade de amar e cuidar dos

outros (Goldstein *et al.*, 1980b). Tereza hoje é uma mulher adulta e teve seu primeiro bebê recentemente. Ela quer repetir o que sua mãe fez por ela com a sua filha.

A mãe teve um papel importante no processo de autodefinição de Tereza, ajudando-a a forjar sua própria identidade, tão importante para a mulher negra questionar a imagem estereotipada dela mesma, criada pelas forças opressoras de classe, raça e gênero (Collins, 2000). Tereza conta mais sobre o papel da mãe nesse processo:

Nas reuniões da escola, nas festinhas, nos eventos, ela [Dandara] dava um jeito de aparecer, de bater palma, de falar que eu tava bonita (...) sempre foi uma voz dizendo que era possível.

Tereza

Apesar de todo o empoderamento recebido em casa, Tereza estava insegura de começar a universidade, com medo de frequentar um universo tão distante de sua realidade social. Conforme Berth (2019), o empoderamento da mulher negra é um passo importante para a construção do autoamor, mas também é necessário que pessoas negras ocupem espaços de poder na sociedade, que tenham representatividade e sejam capazes de redefinirem imaginários. Tereza deu sua contribuição nesse sentido, abrindo caminho para outras mulheres negras como ela, ocupando um espaço na universidade seguido por uma carreira acadêmica de sucesso em uma instituição de elite. Ela se recorda que um de seus professores a encorajou no momento de insegurança, quando passou no vestibular:

Tereza, sabe quem você vai levar para a universidade? Você vai levar o seu pai, a sua mãe, a história da sua família, suas vivências na escola de samba, no movimento negro...

Professor de Tereza

Tereza figurativamente levou a mãe e outras pessoas especiais para a universidade: “Foi um bom jeito de chegar, levando essa mochila especial, cheia de pessoas especiais”, ela diz.

Dandara se lembra que um dos melhores dias de sua vida foi quando a filha a convidou para ir com ela se matricular na USP, quando a filha começou o mestrado: “Esse aqui foi o meu grande sonho: o que eu não pude ter, os meus têm”, ela diz. A extraordinária conquista da filha foi também sua conquista. Dandara se recorda de ter dito à filha naquele dia: “Filha, você conseguiu! NÓS conseguimos essa vitória”. Ela também tem muito orgulho da mais recente conquista de sua filha, o nascimento da primeira neta. Dandara aproveitou para me contar espontaneamente, sobre sua experiência pré-natal e de parto, bastante diferentes das de Tereza.

Tereza “veio com sofrimento”, ela se lembra, porque recebeu a notícia do médico de que seu bebê estava morto durante uma consulta clínica, quando ela estava com três meses de gravidez. Ela foi encaminhada a fazer um procedimento hospitalar para remover o feto sem vida, quando decidiu ir embora do hospital e conversar com sua família antes de seguir adiante com a intervenção. Ela decidiu não ir adiante e passou o restante da gravidez sem paz, preocupada com a saúde do bebê até que Tereza nasceu uma menina forte e saudável. Suas memórias do parto de Tereza também são traumáticas, já que ela teve que fazer uma cirurgia cesariana para ter o bebê contra a sua vontade, apesar de ser uma mulher saudável e, segundo ela, apta a ter um parto vaginal. As experiências de pré-natal e parto de Dandara não são experiências isoladas. Mulheres negras como ela estão mais sujeitas a cuidado pré-natal e de parto inadequados e são sujeitas a mais dor e violência obstétrica em comparação às mulheres brancas no Brasil (Leal *et al.*, 2017) e em outros lugares (MBRRACE-UK, 2020).

Dandara conta que se preocupou bastante quando a filha engravidou, com medo de que Tereza passasse pelos mesmos desafios que ela passou durante sua gestação e parto. Felizmente, as melhores condições de vida da filha lhe permitiram ter um parto humanizado em casa; Tereza teve parto vaginal — como ela gostaria — acompa-

nhada por profissionais qualificados. *“Tudo o que eu não fiz, minha filha está fazendo”*, diz Dandara. A mãe valoriza as experiências de sucesso da filha e é capaz de antecipar as que estão por vir de sua neta: *“o que é gostoso de dizer é que a Carolina vai ter uma história muito bonita”*, ela conta, ciente de que sua neta já teve um começo de vida melhor, comparado com as histórias da avó e de Tereza.

Tereza gostaria de ajudar a mãe a não carregar o peso emocional de todos os membros da família, que Dandara não se preocupasse tanto com todos. Ela quer que a mãe seja capaz de relaxar, agora que os filhos são adultos e têm boas perspectivas na vida.

5.3 Val e Paula

Val me contou que gostaria que a filha tivesse todas as oportunidades de vida que ela não teve. Ela tem consciência do seu importante papel na educação da filha e suas implicações, levando Paula a uma carreira corporativa estável e uma vida melhor. Os sacrifícios e determinação de Val para que Paula tivesse uma vida melhor trouxeram resultados na vida da filha. A estabilidade profissional de Paula também é uma fonte de tranquilidade emocional para Val, já que depois de tantos esforços da mãe e da filha, Paula está “bem encaminhada” na vida. Paula não me contou muitas de suas memórias de infância durante a entrevista, mas ela deu todos os créditos da sua mobilidade social ascendente a sua mãe. Ela diz que a mãe a ensinou a ser a mulher forte que ela é hoje, a entrar na universidade e a ser uma mulher independente. Ela gostaria de poder presentear a mãe com um carro e me disse que a mãe poderá sempre contar com o seu apoio emocional.

5.4 Vitória e Helena

Vitória teve que deixar sua filha Claudia com pouco mais de um ano de idade para trás quando migrou do Nordeste para o Sudeste, para ser criada pela sua mãe. Mãe e filha nunca ficaram juntas novamente,

já que Vitória vivia na casa de seus patrões e demorou para se estabelecer no Sudeste, ter sua própria casa e estabilidade financeira. Após um tempo, ela conseguiu mudar de emprego, trabalhar com carteira assinada e com melhores condições e renda; mas já era tarde demais para ter Claudia com ela, porque a relação entre mãe e filha foi se deteriorando em função do precoce e longo período de separação. Vitória não dividiu comigo como ela se sente sobre a separação da filha. Apesar de todos os seus esforços para prover sozinha tudo o que a menina precisava quando criança, Claudia e suas crianças hoje vivem na pobreza e passam necessidades. Vitória também não teve a oportunidade de aproveitar a vida de avó dos filhos de Claudia, por causa da distância entre mãe e filha – geográfica e emocional.

Vitória teve dificuldade para conseguir um emprego em Campinas após ter sua segunda filha, Helena, mas conseguiu um trabalho quando o bebê tinha quatro ou cinco meses de idade, quando Vitória e seu parceiro alugavam uma casa e ela já não precisava mais morar no emprego. Os patrões lhe ofereceram a possibilidade de trazer a filha no trabalho e lhe presentearam com um berço, para quando o bebê precisasse dormir durante o dia. Apesar de mãe e filha terem tido a chance de estarem juntas durante a infância da criança, Helena resente a ausência de sua mãe *“durante a infância e sempre”*, ela diz, explicando que a mãe *“sempre trabalhou demais”*. Apesar disso, elas têm um bom relacionamento e Vitória teve uma segunda chance para viver uma experiência de maternidade melhor que a sua primeira. O nascimento do primeiro filho de Helena tem sido uma imensa fonte de felicidade na vida de Vitória nos últimos tempos. Após 27 anos trabalhando para a mesma família como empregada doméstica, Vitória conseguiu ter uma vida confortável e hoje é capaz de ser mais presente nas vidas de Helena e seu bebê; apesar disso, Helena se preocupa com a saúde da mãe e gostaria de poder ter condições de pagar um plano de saúde privado para Vitória. A ajuda financeira que a mãe dá para Helena permite que a filha possa ficar com o seu bebê enquanto está de licença do trabalho como professora do ensino fundamental, evitando a separação prematura entre mãe e filho, bastante provável se Helena tivesse que conseguir outras

fontes de renda no momento. Ainda que limitada, a mobilidade social alcançada por Vitória como empregada doméstica agora a ajuda no processo de cura dos traumas de separação precoce da filha na sua primeira experiência de maternidade por meio de sua segunda. Todavia, a fragilidade na trajetória de vida de Helena, apesar do enorme apoio dado pela mãe, restringe o processo de superação dos traumas sofridos, porque Vitória ainda se preocupa em ter que ajudar a filha a alcançar uma vida melhor, ao mesmo tempo em que Helena se sente impotente para ajudar a mãe, já que ela ainda não alcançou uma mobilidade social plena.

5.5 Carmem e Julia

As informações obtidas das entrevistas com Carmem e Julia foram bastante limitadas já que ambas as mulheres evitaram dividir comigo suas histórias de trauma e seus sentimentos de uma forma geral. Eu pude perceber que o nascimento do neto de Carmem tem sido uma grande fonte de alegria em sua vida recente: *"tenho muito orgulho sim e mais ainda agora que ela me deu um netinho lindo"*, ela conta sobre como se sente pela filha. Apesar da mãe não ter tido condições de ajudar a filha financeiramente como gostaria, ela teve um papel importante dando apoio emocional para Julia e também servindo como exemplo ao buscar um diploma universitário ela mesma, concluindo a faculdade com 47 anos, o que lhe possibilitou deixar o emprego de empregada doméstica.

Julia é muito grata pelos esforços de sua mãe para que ela tivesse uma vida melhor e me contou que ela recebeu o apoio e orientação de sua mãe quando decidiu mudar de curso na universidade, após cursar o primeiro ano. Ela me deu uma dica sobre uma potencial fonte de trauma para sua mãe quando me disse *"eu tive mais carinho, mais apoio familiar em tudo nas minhas decisões...coisa que a minha mãe não teve"*, mas eu não consegui obter mais informações sobre a falta de apoio sofrida por Carmem.

5.6 Conclusões

As mães que eu entrevistei tenderam a focar o assunto nas conquistas de suas filhas em vez de conversarem sobre os traumas que elas viveram individualmente e/ou em conjunto com suas filhas. A maioria das memórias felizes são associadas às conquistas educacionais de suas filhas, assim como experiências de maternidade melhores. Muitas dessas mães adiaram ou desistiram de suas próprias ambições em favor dos sonhos de suas filhas. Todas têm muito orgulho de suas filhas e particular satisfação pelo fato de que as filhas não tiveram a mesma trajetória que elas, não ficaram presas como elas ficaram na ocupação de empregada doméstica – ou servente de limpeza escolar. O sucesso de suas filhas, acima do seu próprio, empoderou essas mães e lhes trouxe plenitude emocional em um momento mais avançado de suas vidas.

As filhas tenderam a reconhecer que tiveram oportunidades de vida muito melhores do que suas mães e que foram empoderadas por suas mães em diferentes formas. As filhas têm uma voz mais forte, frequentemente dando voz às narrativas de suas mães, falando por elas. Os traumas vividos por suas mães estão marcados em suas vidas e elas sentem um forte chamado por justiça em nome de suas mães, às vezes, apresentando um contraste entre ressentimento e companheirismo mediado pelo trauma, que guiaram essas mulheres para um processo de cura emocional das mães e de suas filhas.

Todas as filhas demonstraram um grande desejo de ajudar na cura das cicatrizes emocionais de suas mães, agora que elas conseguiram alcançar melhores condições sociais e de renda. As filhas com trajetórias de vida mais frágeis encontram mais limitações em ajudar as suas mães (materialmente e emocionalmente), o que limita esse processo de superação e cura. A maioria das filhas já tem condições de ajudar suas mães a superarem suas experiências de trauma por meio da ajuda material ou por serem uma fonte de felicidade em suas vidas – elas mesmas, pelas boas perspectivas de vida, e seus filhos. Mães e filhas têm condições de serem mais presentes nas vidas umas

Memórias Entrelaçadas (Mães e Filhas)

das outras agora que as mães são mais velhas e trabalham menos ou estão aposentadas.

6

Conhecimento Empoderado pelo Amor

Os programas governamentais para ampliação do acesso a educação superior no Brasil durante os anos 2000 levaram uma grande parcela da população jovem a ser a primeira geração em suas famílias a entrar na universidade. O papel dessas famílias dando o apoio necessário para que isso fosse possível frequentemente é pouco discutido. O principal objetivo desse livro, escrito com base na minha dissertação de mestrado em Estudos Latino Americanos, na Universidade de Cambridge (Reino Unido), foi investigar o papel das famílias nesse processo de acesso à universidade pelos seus filhos, especificamente o papel das mães empregadas domésticas no apoio a suas filhas, quebrando juntas, mães e filhas, o ciclo de trabalho doméstico renumerado em suas famílias por meio da educação superior. A mobilidade social ascendente entre empregadas domésticas é especialmente importante porque a ocupação é um tradicional reduto

de trabalho feminino, concentrando as mulheres mais vulneráveis da sociedade e que se coloca como uma grande barreira para o empoderamento dessas mulheres e para a igualdade de gêneros no país. Eu lancei meu olhar sobre histórias de mobilidade social de dez mulheres: entrevistei quatro empregadas domésticas, uma servente de limpeza escolar e suas respectivas filhas, as primeiras mulheres em suas famílias a conquistarem um diploma universitário e levantei informações sobre a mobilidade social ascendente experimentada pela nova geração por meio das histórias de vidas dessas mulheres.

Este livro mostrou que o papel das mães foi fundamental no processo de empoderamento de suas filhas, muitas vezes combinado com a ajuda material para que elas pudessem perseguir seus projetos e sonhos de educação superior, entrar na universidade e concluir seus estudos. Isso levou a mobilidade social ascendente da nova geração que, sem o apoio dessas mães, não teria acontecido. O apoio familiar foi observado em diferentes aspectos, muito além do suporte financeiro e ajuda material, apoios que vão além do escopo dos programas governamentais, por mais importantes que eles sejam. Uma evidência disto é que as mulheres que eu entrevistei (todas iniciaram e concluíram a universidade nos anos 2000) não se beneficiaram dos programas em questão (cotas, ProUni, Pronatec, FIES) e, mesmo assim, foram a primeira geração a conseguir um diploma universitário com muito esforço delas próprias – e de suas mães. As filhas de empregadas domésticas tiveram uma trajetória de vida melhor do que suas mães; isso foi possível porque suas mães trabalharam longas horas, se submeteram a condições de trabalho abusivas e exploratórias que as forçaram a estar ausente na vida das suas próprias famílias. O grupo de mães e filhas que eu entrevistei é bastante especial e ilustra quão desafiadora e específica é a mobilidade social que as filhas de empregadas domésticas experimentaram, quebrando o ciclo do trabalho doméstico remunerado em suas famílias.

As filhas de empregadas domésticas perseguiram seus próprios sonhos, mas também carregaram com elas os sonhos de suas mães: essas filhas levaram suas mães figurativamente para a universidade junto com elas, trazendo uma satisfação pessoal as suas mães, empo-

deradas pelas filhas. Essa geração que eu entrevistei abriu caminho para uma universidade com mais representatividade no país, ocupando espaços como mulheres, pobres e, em um caso, também como mulher negra. Todavia, elas continuam sub representadas, especialmente nas universidades públicas, além de ser necessário destacar a fragilidade das suas trajetórias de mobilidade social, apesar dos imensos esforços pessoais e familiares envolvidos.

Eu introduzi o conceito de *memórias entrelaçadas* para mostrar como o mecanismo de transmissão das memórias entre mães e filhas levou ao suporte mútuo entre essas mulheres, transformando trauma em empoderamento. Muitas das filhas que foram para a universidade, que eu entrevistei, são hoje mães e a transformação alcançada por elas, após o processo de cura dos traumas próprios e de suas mães, irá criar uma nova geração que provavelmente irá dividir e carregar menos trauma, bem diferente da geração que a precedeu.

Para concluir este livro, eu gostaria de chamar a atenção para o paradoxo criado pelas forças que motivaram as histórias de mobilidade social das filhas das empregadas domésticas que eu entrevistei. Ao mesmo tempo em que essas jovens mulheres buscavam uma vida melhor por meio de um diploma universitário também era, igualmente forte, sua determinação de escapar do trabalho doméstico remunerado, de escaparem do mesmo destino de suas mães. Assim, muitas vezes, essas filhas buscaram ser o oposto do que foram suas mães, como se o distanciamento das trajetórias de vida de suas mães empregadas domésticas fosse um sinônimo de sucesso. Os esforços de suas mães, por sua vez, também foram motivados pelas mesmas forças: elas queriam que suas filhas fossem tudo o que elas não puderam ser. As dificuldades vividas pelas mães levaram muitas a não terem consciência do seu próprio valor e incrível poder, não apenas demonstrado na capacidade de transformarem suas próprias vidas como também no papel-chave que tiveram na vida de suas filhas e da mobilidade social delas.

Na esfera pessoal, a “fuga” intergeracional do trabalho doméstico remunerado levou a uma série de iniciativas de suporte mútuo que empoderou mães e filhas e possibilitou a mobilidade social da

geração mais jovem. Entretanto, esse processo também reforçou, sem intenção, a percepção social generalizada de que a ocupação de empregada doméstica acolhe mulheres fracassadas, não é uma profissão igual a tantas outras; que a profissão não requer qualidades e talentos, já que existe uma falsa percepção de que os dotes de uma empregada doméstica são inerentes a sua condição de mulher e, eventualmente, também de mãe. Essa visão depreciativa da profissão exclui o poder da empregada doméstica como classe, além de reforçar estereótipos de gênero. Em última instância, perpetua a percepção de que o trabalho doméstico remunerado não se equipara às demais profissões da classe trabalhadora, ajudando a tirar a atenção sobre a necessidade de melhora nas condições de trabalho e direitos dessa categoria, contribuindo para sua desvalorização. Portanto, ainda se fazem necessários ganhos mais amplos nessa “escapada” do trabalho doméstico remunerado, que deve vir acompanhada de novas reivindicações e melhorias que tragam dignidade no seu exercício, já que a profissão permanece caracterizada por altos níveis de informalidade e exploração. Para isso, empregadas domésticas e suas filhas têm um papel fundamental promovendo mais transformações, mais ainda agora, já que a economia fragilizada do país, combinada com um governo de extrema direita e a pandemia de 2020-2021, ameaçam o progresso alcançado tão duramente rumo ao empoderamento e mobilidade social dessas mulheres.

Bibliografia

- [1] Acciari, L. (2018). Paradoxes of Subaltern Politics: Brazilian Domestic Workers' Mobilisations to Become Workers and Decolonise Labour. A thesis submitted to the Department of Gender Studies of the London School of Economics for the degree of Doctor of Philosophy, Londres, julho de 2018. http://etheses.lse.ac.uk/3839/1/Acciari__paradoxes-of-subaltern-politics.pdf
- [2] Adão, C. R. (2018). Territórios de Morte – Homicídio, Raça e Vulnerabilidade Social. São Paulo: Novas Edições Acadêmicas.
- [3] Almeida, S. (2019). Racismo Estrutural. Série Feminismos Plurais, D. Ribeiro (Ed.). São Paulo: Pólen Livros.
- [4] Alves Cordeiro, A. L. (2013). Ações afirmativas na educação superior: mulheres negras cotistas e mobilidade social. Revista Pedagógica. Chapecó, 15(30), 297–314.
- [5] Amparo Alves, J. (2018). The Anti-Black City. Mineápolis: University of Minnesota Press.
- [6] Berth, J. (2019). Empoderamento. Feminismos Plurais series, D. Ribeiro (Ed.). São Paulo: Pólen Livros.
- [7] Billingham, S. (2018) (Ed.). Access to Success and Social Mobility through Higher Education – A Curate's Egg? Bingley, Reino Unido: Emerald Publishing.

BIBLIOGRAFIA

- [8] Bizerril, M. (2018). A interiorização das Universidades Federais foi um acerto estratégico para o Brasil. Notícias UNB, 24 de outubro. <https://noticias.unb.br/artigos-main/2580-a-interiorizacao-das-universidades-federais-foi-um-ace-rto-estrategico-para-o-brasil>
- [9] Brito, D. (2018). Cotas foram revolução silenciosa no Brasil, afirma especialista. Agência Brasil, 27 de maio. <http://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2018-05/cotas-foram-revolucao-silenciosa-no-brasil-afirma-especialista>
- [10] Canuto, O. and Zhang, P. (2021). Global Recovery May not be Enough for Latin America. Center for Macroeconomics & Development, 5 de junho. <https://www.cmacrodev.com/global-recovery-may-not-be-enough-for-latin-america/>
- [11] Carvalho, C. H. A. (2013). A mercantilização da educação superior Brasileira e as estratégias de mercado das instituições lucrativas. Revista Brasileira de Educação, 18(54), 761–801.
- [12] Collins, P. H. (2000). The Power of Self-definition. In P. H. Collins (Ed.) Black Feminist Thought (pp. 97–121). Nova York: Routledge.
- [13] Cosme, I. (2021). Em mudança histórica, maioria dos novos alunos da USP é de escolas públicas. Estado de S.Paulo. 4 de junho. <https://educacao.estadao.com.br/noticias/geral,pela-primeira-vez-na-historia-maioria-dos-novos-alunos-da-usp-e-de-escolas-publicas,70003736785>
- [14] Cruz, Gabriela Freitas da (2019). Mobilidade intergeracional de renda no Brasil: tendências temporais e diferenciais de gênero. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Economia da Universidade Federal do Rio de Janeiro para a obtenção de título de Doutora em Economia, Rio de Janeiro,

abril de 2019. <https://www.ie.ufrj.br/images/IE/PPGE/teses/2019/Gabriela\%20Freitas\%20da\%20Cruz.pdf>

- [15] Da Silva, C. (2018). Feminismo Negro – de onde viemos: aproximações de uma memória. In: H. B. D Hollanda (Ed.), *Explosão Feminista – Arte, Cultura, Política e Universidade* (2a ed., pp. 252–260. São Paulo: Companhia das Letras.
- [16] Fish, J. N. (2017). *Domestic Workers of the World Unite! A Global Movement for Dignity and Human Rights*. Nova York: New York University Press.
- [17] Fonseca, R. M. (2018). Democracia e acesso à universidade no Brasil: um balanço da história recente (1995–2017). *Educar em Revista*, 34(71), 299–307. <https://doi.org/10.1590/0104-4060.62654>
- [18] Gates Foundation (2019). *Women’s Economic Empowerment: Brazil*. <https://www.gatesfoundation.org/equal-is-greater/case-study/brazil/>
- [19] Goldstein, J., Freud, A. and Solnit, A. J. (1980a). *Before the Best Interests of the Child*. Londres: Burnett Books.
- [20] Goldstein, J., Freud, A. and Solnit, A. J. (1980b). *Beyond the Best Interests of the Child*. Londres: Burnett Books.
- [21] Goldthorpe, J., Llewellyn, C. and Payne, C. (1987). *Social Mobility and Class Structure in Modern Britain*. Oxford: Clarendon Press.
- [22] Gopinath, G. (2021). *Managing Divergent Recoveries*. IMF Blog, 6 de abril. <https://blogs.imf.org/2021/04/06/managing-divergent-recoveries/>
- [23] Grigera, J. (2017). Populism in Latin America: Old and New Populisms in Argentina and Brazil. *International Political Science Review* 2017, 38(4), 441–455.

BIBLIOGRAFIA

- [24] Hines, B. (2000). *A Kestrel for a Knave*. Londres: Penguin Modern Classics.
- [25] Hirsch, M. (2012). *The Generation of Postmemory – Writing and Visual Culture After the Holocaust*. Nova York: Columbia University Press.
- [26] IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2018). *Estatísticas de Gênero – Indicadores Sociais das Mulheres no Brasil. Estudos e Pesquisas – Informação Demográfica e Socioeconômica n.38*. https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101551_informativo.pdf
- [27] IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2019). *Desigualdades Sociais por Cor ou Raça no Brasil. Estudos e Pesquisas – Informação Demográfica e Socioeconômica n.41*. https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101681_informativo.pdf
- [28] ILO – International Labour Organization (2018). *Domestic Work: Convention No. 189 on domestic workers ratified by Brazil, 1 February*. https://www.ilo.org/global/about-the-ilo/newsroom/news/WCMS_616549/lang--en/index.htm
- [29] IPEA – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (2017). *Retrato das Desigualdades de Gênero e Raça: 1995–2015*. https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/170306_retrato_das_desigualdades_de_genero_raca.pdf
- [30] IPEA – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (2019). *Os Desafios do Passado no Trabalho Doméstico do Século XXI: Reflexões para o caso brasileiro a partir dos dados da PNAD contínua1*. https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/TDs/td_2528.pdf
- [31] Jensen, G. (2010). *Política de Cotas Raciais em Universidades Brasileiras – Entre a Legitimidade e a Eficácia*. Curitiba: Juruá.

- [32] Leal, M. D. C., da Gama, S. G. N., Pereira, A. P. E., Pacheco, V. E., do Carmo, C. N., and Santos, R. V. (2017). A cor da dor: iniquidades raciais na atenção pré-natal e ao parto no Brasil, *Cad. Saúde Pública* vol. 33 suppl. 1 Rio de Janeiro, 24 de julho de 2017 <https://doi.org/10.1590/0102-311x00078816>
- [33] Lima, M. and Prates, I. (2019). Emprego doméstico e mudança social: reprodução e heterogeneidade na base da estrutura ocupacional brasileira. *Tempo Social: Revista de Sociologia da USP*, 31(2), 149–171.
- [34] Lorde, A. (1984). *Sister Outsider: Essays and Speeches*. Trumansburg: Crossing Press.
- [35] Machado Chaves, F. (2000). Outros Olhares em Escolas Públicas: As Relações Sociais de Trabalho sob a Ótica de Merendeiras e Serventes. *Trabalho & Educação*, Vol. 7. Belo Horizonte. Jul/Dez 2000. <https://periodicos.ufmg.br/index.php/trabedu/article/view/9208/6628>
- [36] Marques, R. M., Ximenez, S. B. and Ugino, C. K. (2018). Lula and Dilma Governments in Terms of Social Security and Access to Higher Education. *Brazilian Journal of Political Economy*, 38(3), 526–547. <https://dx.doi.org/10.1590/0101-35172018-2784>
- [37] Mbembe, A. (2003). Necropolitics. *Public Culture*, 15(1), 11–40.
- [38] MBRRACE-UK (2020). Saving Lives, Improving Mothers' Care 2020: Lay Summary. https://www.npeu.ox.ac.uk/assets/downloads/mbrpace-uk/reports/maternal-report-2020/MBRRACE-UK_Maternal_Report_2020_-_Lay_Summary_v10.pdf
- [39] McKnight, A. (2015). Social Mobility and Child Poverty Commission. Downward Mobility, Opportunity Hoarding and the 'Glass Floor'. Research report. Centre for Analysis of Social Exclusion (CASE), London School of Economics. https://dera.ioe.ac.uk/23370/1/Downward_mobility_opportunity_hoarding_and_the_glass_floor.pdf

BIBLIOGRAFIA

- [40] Melleiro, W. and Heuser, C. (2020, 29 September). Care for Those Who Take Care of You: Domestic Workers in Brazil. FES Connect. <https://www.fes-connect.org/people/brazil-domestic-workers>
- [41] Moreira Damasceno, A. and de Andrade, A. M. (2016). Análise do Sistema de Cotas Raciais no Brasil como Ações Afirmativas Aliadas ao Direito Geral de Igualdade. *Revista Brasileira de Direitos e Garantias Fundamentais*, 2(1), 1–18.
- [42] Pastore, J. (1982). *Inequality and Social Mobility in Brazil*. Madison: University of Wisconsin Press.
- [43] Pastore, J. and Valle Silva, N. (2000). *Mobilidade Social no Brasil*. São Paulo: Makron.
- [44] Picanço, F. (2016). Juventude e Acesso ao Ensino Superior no Brasil – Onde está o alvo das políticas de ação afirmativa. *Latin American Research Review*, 51(1), 109–131, 294–295, 299. <http://dx.doi.org.ezp.lib.cam.ac.uk/10.1353/lar.2016.0001>
- [45] Pollak, M. (1993). *Une Identité Blessée – Etudes de Sociologie et d’Histoire*. Paris: Métailié.
- [46] Rara, P. (2019). *Eu, Empregada Doméstica: a Senzala Moderna É o Quartinho da Empregada*. Belo Horizonte: Letramento.
- [47] Ribeiro, D. (2018). *Quem Tem Medo do Feminismo Negro?* (4a ed.) São Paulo: Companhia das Letras.
- [48] Russell, B. (2009). *On Education*. Londres e Nova York: Routledge.
- [49] Sarlo, B. (2005). *Tiempo Pasado*. Buenos Aires: Siglo XXI.
- [50] Silva, M. A. de M., Melo, B. M. de M. and De Moraes, L. A. (2016). Saindo das sombras – mulheres sitiadas paulistas. *Política & Sociedade, Edição Especial; Florianópolis Vol. 15*, (2016): 179–207. DOI:10.5007/2175-7984.2016v15nesp1p179

- [51] Skeggs, B. (2002). *Formations of Class and Gender – Becoming Respectable*. Londres, Thousand Oaks and Nova Delhi: Sage
- [52] Stuart, M. (2012). *Social Mobility and Higher Education: the Life Experiences of First Generation Entrants in Higher Education*. Stoke-on-Trent, UK: Trentham Books.
- [53] United Nations (2020). Policy Brief: The Impact of COVID-19 on Women. 9 de abril. <https://www.un.org/sexualviolenceinconflict/wp-content/uploads/2020/06/report/policy-brief-the-impact-of-covid-19-on-women/policy-brief-the-impact-of-covid-19-on-women-en-1.pdf>
- [54] Wise, J. B. (2007). Introduction: Empowerment as a Response to Trauma. In: M. Bussey and J. B. Wise (Eds.), *Trauma Transformed: An Empowerment Response* (pp. 1–12) Nova York: Columbia University Press.

BIBLIOGRAFIA

Imaginário Coletivo

Ilha de São Vicente Brasil

O selo Imaginário Coletivo nasceu do desdobramento da Edições Caiçaras, uma pequena editora artesanal inspirada nas cartoneras da América Latina, principalmente na Sereia Ca(n)tadora de Santos e na Dulcinéia Catadora de São Paulo. Nasceu pela dificuldade homérica e labiríntica em publicar livros por uma editora convencional. Ao acreditar nas editoras artesanais e independentes como um modo de reavivar o ideal punk-caiçara do “faça você mesmo”, incentivando a autogestão, algo que está se perdendo em nossa sociedade tecnocrata, prioriza um diálogo profundo com a Internet e com as literaturas locais do Brasil.

Catálogo

Poesia

O Novo em Folha - Márcio Barreto
Nietzsche ou do que é feito o arco dos violinos – Márcio Barreto
Pequena Cartografia da Poesia Brasileira Contemporânea – Marcelo Ariel (Org.)
Perdas & Danos – Madô Martins
Mundocorpo – Márcio Barreto
Peixe-palavra (poesias caiçaras) – Domingos Santos
Outras Marés – Madô Martins
Poemas Sinfônicos – Danilo Nunes
Mar por perto – Flávio Viegas Amoreira
Anga ibiisi – Luis Serguilha (Portugal)
Excídios – Jorge Melícias (Portugal)
Macunaímabladerunner – Márcio Barreto
Mar Selvagem – Márcio Barreto (Org.)
Territórios Invisíveis – Maria José F. Goldschmidt
Pessoa doutra margem – Flávio Viegas Amoreira
A desmemória e seus outros nomes – Márcio Barreto
Três amigos, um livro e muitos poemas – Clayton D. Ribeiro, Michel Leite Viana, Sonia L. L. Neves
Poesia mínima – José Eduardo de Lima
Outras Palavras 9 – ong TamTam
Balaio do Trepeça – Odair Dias
O Galo Urbano – Sérgio Paolozzi
Poetando – Sociedade dos Poetas Vivos
Whitman, meu brother – Flávio Viegas Amoreira
A palavra exata – Sergio Paolozzi
Prímulas – Madô Martins, Maria José Goldschmidt, Rosa da Costa, Teresa Teixeira
Diplomacia do corpo – Sérgio Paolozzi

Ganesha ou o mistério do mundo – Márcio Barreto
O mar de Minas – Márcio Barreto DRAMA TURGIA
Atro Coração – Márcio Barreto
Ácidos Trópicos: uma livre criação sobre a obra de Gilberto Mendes – Márcio Barreto

Ensaio

Obras Cadáveres: Arthur Bispo do Rosário, Estamira, Jardelina, Violeta e o Deus do Reino das Coisas Inúteis - Ademir Demarchi
Desaforismos (aforismos) – Flávio Viegas Amoreira
Meu Namoro com o Cinema – André Azenha
Cracolândia: Território do Abraço – Lincoln Spada
Santos de frente para o mundo – B. Muglia, Luciana Raccini Circo teatro: Uma Bella Companhia – Plínio Augusto
Alguém disse cultura?? – Adilson Felix
Gilberto Mendes, notas biográficas – Flávio Viegas Amoreira Memória na Pele – Bartolomeu Pereira de Souza

Conto

Pequenice – Madô Martins
Traveseirinho de plumas – Regina Alonso
O segredo dos pássaros – Ana Lucia dos Santos
Geral no parque – Michel Leite Viana
Cantorias do povo de Guaiabá – Rafaella Martinez Vicentini Escritos do mar – Denise Silva (org.), Elissangela (org.) Geral no Parque – Michel Leite Viana

Crônicas

Velhos cadernos – Francisco Ubaldo Vieira
O canto da cigarra – Sergio Paolozzi

Historias em quadrinhos

Santos, cidade libertária – Bartolomeu Pereira de Souza, Kleber Nunes (ilustração)

Romance

Teatrofantasma: O Doutor Imponderável contra o onirismo groove – Marcelo Ariel

